



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS  
CAMPUS DE ERECHIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PAOLA VICHIANOSKI MARTINS

A PESQUISA EM HISTÓRIA: ESTUDO DE CASO SOBRE METODOLOGIA DE  
ENSINO COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

ERECHIM

2017

PAOLA VICHIANOSKI MARTINS

A PESQUISA EM HISTÓRIA: ESTUDO DE CASO SOBRE METODOLOGIA DE  
ENSINO COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof.º Dr.: Mairon Escorsi Valério.

ERECHIM

2017

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

Martins, Paola Vichianoski

A pesquisa em História: Estudo de caso sobre metodologia de ensino com alunos do 2º. ano do Ensino Médio / Paola Vichianoski Martins. -- 2017.

68 f.:il.

Orientador: Mairon Escorsi Valério.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História, Erechim, RS, 2017.

1. Ensino . 2. Metodologia. 3. Pesquisa em História .  
I. Valério, Mairon Escorsi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Paola Vichianoski Martins

A PESQUISA EM HISTÓRIA: ESTUDO DE CASO SOBRE METODOLOGIA DE  
ENSINO COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para  
obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof.º Dr. Mairon Escorsi Valério.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

\_\_\_/12/2017

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério – UFFS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Isabel Rosa Gritti – UFFS

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Márcia Carbonari – UFFS

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, Marlene Vichianoski Martins e Cláudio Martins, pelo apoio e dedicação à minha formação, além da crença do meu sonho de menina em seguir a História como amparadora do meu destino. A meu namorado, Evandro C. de Oliveira, que em todos os momentos dedicou seu tempo a me amparar e auxiliar no que fosse possível, dando todo o amor e carinho nas horas difíceis e de indecisões, proporcionando todo o conforto e segurança para que eu chegasse ao final desta etapa. Aos amigos e amigas - da turma de História/2011 - que sempre estiveram acompanhando minha trajetória e que, de uma maneira ou outra, contribuíram para minha formação. Ao Professor Dr. Mairon Escorsi Valério, meu orientador, que pacientemente colaborou para que este projeto fosse realizado com sucesso e com grande aprendizado. Aos demais Mestres que, disciplina em disciplina, deixaram suas marcas em minha memória e, certamente, durante minha carreira profissional, estarão presentes nos momentos em que for preciso solicitá-los. Aos participantes da Banca Examinadora, Professora Dr<sup>a</sup>. Isabel Rosa Gritti, que sempre depositou em mim confiança e boas perspectivas, e Professora Ma. Márcia Carbonari, que me deu grande apoio e dedicação para que não desistisse da intenção de ser professora. À Escola Estadual de Ensino Médio Professor João Germano Imlau, da cidade de Erechim/RS, pela possibilidade de me receber nos momentos importantes desta pesquisa e por ceder suas turmas para a compreensão do Ensino de História durante os estágios realizados na instituição. Agradeço, imensamente, a Professora Ma. Sonia M. Cima, que pacientemente contribuiu para intermediar essa pesquisa com os estudantes da turma 202, e com os demais professores participantes da investigação. À Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, por possibilitar a iniciação no caminho do conhecimento científico, por abrir as portas para experiências e aprendizados inesquecíveis.

## **Resumo**

Pretende-se, neste trabalho, analisar de que modo os estudantes do segundo ano, turma 202, e professores de História da Escola Estadual de Ensino Médio Professor João Germano Imlau – Erechim/RS –, relacionam-se com a pesquisa como ferramenta metodológica da disciplina de história. A investigação se baseia em um questionário, respondido por ambos agentes acima citados, relacionado à utilização do método de pesquisa para a compreensão dos fatos históricos estudados em sala, enfatizando compreender quais são as fontes em que os estudantes buscam as informações solicitadas pelo(a) professor(a), se as localizam através da Internet ou outras ferramentas de pesquisa, o gosto, ou não, pela metodologia para o aprendizado, bem como pedir sugestões para melhor aproveitamento das aulas de história pelos alunos. Aos professores as questões se direcionam para a forma como identifica-se a interação e interesse dos estudantes pelo processo investigativo, além dos critérios de avaliação desses trabalhos, constando, ainda, as impressões acerca de o quê poderia ser melhorado na metodologia do ensino de História. A comparação das respostas dos professores e estudantes – baseadas em referenciais teóricos da Educação e do ensino de História – resultará na confirmação da hipótese em que a pesquisa como metodologia de ensino é válida e construtiva para o aprendizado na área da História.

**Palavras-chave:** Ensino. Metodologia. Pesquisa em História.

## **ABSTRACT**

The intention, with this research, is to analyse in which way the second grade students, class 202, and History teachers of the Escola Estadual de Ensino Médio Professor João Germano Imlau – Erechim/RS –, deal with the research as the discipline of history's methodological resource. The investigation is based upon a polygraph, answered by the both actors described above, related to the utilization of the research method for the comprehension of the historical facts studied in class, emphasizing the understanding what are the sources in which the students look for the information requested by the teacher(s), if they find them using the Internet or other research environments, the good will, or not, on using this methodology for learning, as well as ask for suggestions on history classes' best use by the students. To the teachers the questions made aim to the way how students' both interaction and interest by the investigative process are identified, in addition to the evaluation criteria for those tasks, counting, still, with their impressions regarding to what could get better on History teaching methodology. The comparison between teachers' and students' answers – based upon History teaching theoretical references – will result in the hypothesis confirmation in which the research as teaching methodology is valid and constructive to the learning in the History area.

Keywords: Teaching. Methodology. Research on History.

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                | <b>1</b>  |
| <b>1 PESQUISAR A EDUCAÇÃO PARA COMPREENDÊ-LA .....</b> | <b>6</b>  |
| 1.2 ALUNO: O CENTRO DAS ATENÇÕES DA EDUCAÇÃO .....     | 10        |
| <b>1.2.1 A pesquisa como método de ensino .....</b>    | <b>13</b> |
| <b>2 TABULAÇÃO DOS DADOS: AVALIAÇÃO PARCIAL. ....</b>  | <b>16</b> |
| 2.1 RESPOSTAS DOS ESTUDANTES: EXTRAINDO DADOS. ....    | 16        |
| <b>3 ANÁLISE COMPLETA DOS DADOS .....</b>              | <b>37</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                       | <b>56</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>                              | <b>58</b> |

### Índice de gráficos

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 1 – O uso da internet como ferramenta de pesquisa .....              | 17 |
| Gráfico 2 – Critério de escolha de <i>sites</i> .....                        | 18 |
| Gráfico 3 – Gosto pela pesquisa em História.....                             | 20 |
| Gráfico 4 – Socialização da pesquisa em sala .....                           | 21 |
| Gráfico 5 – Aprendem mais com a pesquisa.....                                | 22 |
| Gráfico 6 – Cópia do texto original da pesquisa.....                         | 24 |
| Gráfico 7 – Sugestão sobre mudanças na metodologia didática da História..... | 26 |
| Gráfico 8 – Critério de avaliação.....                                       | 28 |
| Gráfico 9 – Interesse e desinteresse.....                                    | 30 |
| Gráfico 10 – Socialização das pesquisas.....                                 | 31 |
| Gráfico 11 – Compreensão do conteúdo após pesquisas.....                     | 32 |
| Gráfico 12 – Cópia do texto original.....                                    | 34 |
| Gráfico 13 – Mudanças no ensino de História.....                             | 36 |

### Índice de Tabelas

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Uso da internet e outras fontes.....                        | 38 |
| Tabela 2 – Critérios: escolha do <i>site</i> e avaliação do aluno..... | 40 |
| Tabela 3 – Gosto pela pesquisa em História.....                        | 43 |
| Tabela 4 – Socialização das pesquisas.....                             | 45 |
| Tabela 5 – Aprendizagem após a investigação.....                       | 47 |

|   |    |
|---|----|
| Tabela 6 – Cópia do texto original da pesquisa..... | 49 |
|---|----|

## INTRODUÇÃO

O presente projeto destina-se a compreender a pesquisa em história como metodologia de ensino, com alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Professor João Germano Imlau, turma 202, do segundo ano, da cidade de Erechim/RS. Busca-se investigar o que alguns professores de história da região pensam sobre essa metodologia de ensino, realizando, então, uma averiguação comparativa das realidades professor/aluno diante do fenômeno da aprendizagem em História, através de respostas de questionários aplicados a estes agentes acima citados.

Com isso pretende-se identificar se a pesquisa em História é a metodologia mais eficaz para a compreensão dos conteúdos estudados em aula por estudantes do segundo ano do ensino médio. Para que se possa confirmar ou não essa hipótese, que também segue sendo o objetivo principal do projeto, será realizada uma série de perguntas aos estudantes e professores relacionadas ao estudo de História, a utilização da internet como fonte de pesquisa, a relação de compartilhamento de conhecimento após as investigações, socializadas pelos estudantes nas aulas, e quais os tipos de mudanças no ensino/aprendizagem dessa matéria deveria ocorrer na visão de ambos os consultados. Averiguadas as respostas, serão comparadas as dos professores e alunos para que se compreenda as similaridades e diferenças nos pensamentos apontados nas pesquisas, chegando, então, ao resultado desejado dessa investigação.

A escolha da instituição, bem como a turma a ser analisada, aconteceu por conta da realização do Estágio Supervisionado em História III – segundo semestre de 2016 – e IV – primeiro semestre de 2017 – ofertadas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim. O primeiro processo do estágio esteve relacionado a observações das aulas de História em todos os anos do Ensino Médio, enquanto a segunda parte voltava-se à realização da prática pedagógica na disciplina, com apenas uma das turmas que tinham sido observadas e estudadas no semestre anterior. Durante a ministração das atividades educacionais, foi possível identificar nos estudantes do segundo ano – turma 202 – como as diferentes formas didáticas afetavam a aprendizagem do conteúdo apresentado: aula expositiva/dialogada, dinâmicas em sala, solicitação de pesquisas e apresentação de filmes para correlação com a matéria. Com o tempo restrito apenas para a ministração das aulas e a realização do Relatório de Estágio, não foi possível concretizar pesquisas relacionadas a apreensão dos fatos históricos através de pesquisas diversas, em fontes documentais, em museus ou saídas a campo.

Para entender como esses estudantes e seus professores se relacionam com atividades de pesquisa em história como metodologia de ensino, foi elaborado o questionário<sup>1</sup> que será apresentado no segundo capítulo desta monografia.

A instituição em que estudam os integrantes da turma 202 possui quatro professores da disciplina em questão. Para maior abrangência das análises, buscou-se, na cidade de Aratiba/RS, duas professoras da área para colaborarem com esse projeto, ampliando o escopo da pesquisa e auxiliando na avaliação do método educacional proposto. A decisão em selecionar professores(as) de cidades distintas está no fato de que não há contato algum com os alunos que contribuem para a pesquisa, assim como dos demais profissionais da área, evitando alterações nas respostas por influência dos participantes.

Para o processo de ensino-aprendizagem, fatores como: duração dos períodos de aula, livros didáticos simplificados, uso de espaços da escola como ambiente de ensino, utilização da internet como ferramenta de pesquisa, são fundamentais para um bom acompanhamento dos indivíduos envolvidos nesse processo.

A importância da atual pesquisa para a sociedade está relacionada à contribuição ao ensino de história nas escolas, aprimorando o método para uma boa apreensão dos conceitos e fatos históricos ensinados em sala de aula. Além disso, a metodologia de pesquisa em história poderá proporcionar às aulas a possibilidade de melhor relação entre passado e presente, contemplando também, a História do tempo presente, ainda pouco difundida no meio escolar.

Vários historiadores têm se dedicado à história mais recente, denominada de história contemporânea ou história do tempo presente, que se dedica à pesquisa de temas atuais e que tem aprofundado os debates teóricos e metodológicos sobre um passado muito próximo que inclui a apreensão do presente como história, também conhecido como história imediata. [...] As mudanças aceleradas marcaram as concepções de contemporâneo, e, para aprender o significado de tais ritmos de transformações, é importante entender a categoria de modernidade. A modernidade significa o rompimento com o outro tempo – o tempo antigo – e traz no seu âmago mudanças provocadas por revoluções. A Revolução Industrial, por exemplo, fundamental nas mudanças do processo produtivo e nas relações sociais na vida contemporânea. Por intermédio da modernidade podem-se pensar as relações do presente – passado sob outra ótica, inicialmente identificando o passado no presente (segundo o pensamento do historiador Fernand Braudel, o tempo presente é feito de 90% do passado) e ainda entendendo e abordando o presente como passado. (BITTENCOURT, 2008. p. 151-153)

Para as questões acadêmicas, este estudo possibilita a identificação da metodologia como viável, algo que pode ser utilizado como ferramenta de ensino de sucesso para os futuros professores. Além disso, pode-se avaliar este estudo de caso como algo que pode ser expandido para uma pesquisa de maior escopo, saindo do micro espaço, ou seja, de uma sala de aula de determinada escola da região sul do Brasil, para um espaço maior, com várias salas de aula,

com estudantes de diversas faixas etárias, possibilitando identificar e compreender como esses alunos aprendem história e se conseguem aprender ainda mais quando realizam pesquisas na área. No que diz respeito à visão dos professores, pode-se verificar as diversas opiniões a respeito do ensino, buscando melhor compreendê-lo e realiza-lo, a partir do resultado das análises.

Numa outra perspectiva, a “pesquisa participante” e a “pesquisa-ação” pressupõem que o conhecimento seja essencialmente um produto social, que se expande ou muda continuamente, da mesma maneira que se transforma a realidade concreta e como ato humano não está separado da prática; o objetivo último da pesquisa é a transformação da realidade social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nessa realidade. (GAMBOA, 2007. p. 29)

Esta pesquisa pode, ainda, auxiliar nas questões didáticas no que se refere à utilização dos livros didáticos em sala e sua comparação com as pesquisas realizadas pelos estudantes, caso seja possível identificar que a investigação em história é um caminho viável para a apreensão dos conteúdos dessa disciplina. Realizando contrapontos, o estudante tem a possibilidade de realizar análises críticas e construir uma ponte entre o conhecimento anteriormente apreendido – em outras oportunidades de envolvimento com o assunto – com o atual, elaborado em conjunto com os professores e a turma. Selva Guimarães Fonseca (2009) afirma que:

[...]se o objetivo da disciplina é formar, educar, explicando, reconstituindo e buscando compreender o real, podemos afirmar que a lógica da prática docente é fundamentalmente, construtiva. Isso implica uma busca permanente de superação do mero reprodutivismo livresco que ainda predomina nas aulas de história. (FONSECA, 2009. p. 119)

O livro didático é um recurso importante no processo educativo. Possui conteúdo breve, simplificado, que serve apenas de apoio para que o estudante possa relembrar as atividades realizadas em sala, mas não como uma fonte completa para pesquisas historiográficas, sendo, assim, incompleto para a compreensão por inteiro dos fatos históricos. Em muitos casos, essa ferramenta metodológica acaba sendo uma “muleta” tanto para os professores como para os alunos, abrindo espaço, muitas vezes, para a acomodação e dependência do livro didático.

Em seus estudos sobre os manuais didáticos de História, Flávia Eloisa Caimi (2010) afirma que é preciso compreendê-lo por completo em sua complexidade:

Este objeto cultural mobiliza inúmeros atores sociais na sua produção, circulação e consumo, tais como gestores educacionais, pesquisadores, professores, estudantes e suas famílias, políticas educacionais públicas, mercado editorial, mídia, enfim, o conjunto da sociedade brasileira. (p.103)

Segundo Maria Auxiliadora Shmidt e Marlene Cainelli (2009) “(...) tais aspectos sugerem que nenhum livro didático pode ser apreendido como produto abstrato ou neutro,

distanciado do contexto histórico em que existiu ou existe.” (SHMIDT & CAINELLI, 2009. p.171-172). O livro didático reflete a sociedade em que foi elaborado.

Essa visão analítica que o estudante deve desenvolver está relacionada ao conhecimento prévio que possui sobre o mundo e, inclui-se a isso, percebê-lo como agente fundamental da educação, levando em consideração suas impressões sobre determinados assuntos e encaixá-las no decorrer da aula, como tema relevante. Carla Beatriz Meinerz (2010) comenta em suas impressões sobre a experiência na área da educação que:

Constantemente, na minha docência, querendo tratar de temas atraentes e objetivando produzir uma reflexão crítica, apresentava soluções prontas e tinha dificuldades em criar estratégias que fizessem os alunos experimentar e elaborar problemas propostos. Creio que isso acontecia, em parte, porque eu não estava atenta às questões apresentadas por eles, assim como não procurava compreender os pontos de vista dos alunos sobre os problemas, conduzia-os aos caminhos previstos como desejáveis, que eu conhecia, ou melhor, que eu havia, de certa forma, percorrido. Aprendi muitas coisas na vivência do cotidiano escolar. Uma delas é que a prática se redimensiona quando a gente atua com os jovens e começa a compreendê-los não apenas como alunos. Esse aprendizado é difícil, pois sugere transpor nossa função e formação original, que é, embora precariamente, lidar com o conhecimento abstrato, essência de um modelo ainda predominante de escola e de currículo. (BARROSO, 2010. p. 205)

Ao identificar o que os estudantes pensam sobre o “ensinar e aprender História” pode-se afirmar que essa relação possui um norte próspero e de mútuo sucesso. Ainda em seus apontamentos sobre a relação pedagógica em História, a professora Carla B. Meinerz comenta:

[...] As aulas de História devem proporcionar ao sujeito o estímulo à reflexão de natureza histórica, através das teorias e metodologias próprias dessa área. Isso exige a incorporação de uma reflexão de natureza pedagógica sobre a relação que se estabelece com o saber e com os sujeitos sociais. A escola ainda pode ser o espaço da possibilidade de praticar novas maneiras de fazer a história. (p. 209)

Por essa razão, o presente trabalho busca compreender a percepção do estudante, ainda que em um recorte minimizado do processo educativo, para que os futuros professores possam, em certa medida, se encaixar naquilo que contemple ambas as partes do fenômeno.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos a contextualização breve sobre a educação no Brasil, especificamente no que diz respeito às metodologias durante o processo histórico até o presente momento. Comenta-se, também, acerca da pesquisa de metodologia de ensino e, ainda, a respeito do tipo de investigação de que trata o trabalho.

Já no segundo capítulo serão relatadas as respostas dos alunos, em sua maioria tabulada em gráficos, para a compreensão do pensamento geral acerca da questão específica, ou seja, a representação que os alunos possuem da pesquisa como método de ensino. Nessa sessão haverá uma análise “crua” do que os estudantes relataram na atividade. A mesma relação será feita com as respostas dos professores de História consultados no processo. E por fim, ocorrerá uma

comparação entre os dados obtidos para que possamos compreender de que modo os estudantes e professores convergem para as mesmas respostas ou para divergências em determinados momentos do questionário.

No Terceiro capítulo, as respostas de ambos participantes da pesquisa, serão analisadas minuciosamente, com auxílio de autores que possibilitarão exames críticos do que cada resultado traz de importância para pensar a pesquisa como metodologia de ensino/aprendizagem em História.

Por fim, a conclusão abordará os elementos que resultaram na pesquisa, a solução da hipótese proposta, a averiguação do processo metodológico do trabalho, e as impressões acerca da atividade de modo geral.

Compreende-se que o projeto não se encerra na medida em que se apontam considerações finais. Deixa-se, sim, o campo aberto à possibilidade de novas pesquisas no tema, e disponibilizam-se os resultados para mais atividades investigativas sobre os estudantes e o ensino de História à medida que seja possível e necessário.

## 1 PESQUISAR A EDUCAÇÃO PARA COMPREENDÊ-LA

É impossível explicar sobre a educação hoje, sem realizar uma retrospectiva dos fatos históricos, e voltar ao início dessas atividades, em meados do século XIX.

Deve-se compreender o processo educacional como uma trajetória, que não pode ser separada do tempo e de seu contexto social, econômico e político; de suas mudanças e permanências no que diz respeito ao ato de ensinar e da forma de aprender, assim como a produção historiográfica que se modificou ao passar dos anos.

A preocupação com o ensino de história no Brasil durante o século XIX estava nos métodos de memorização do conteúdo de forma linear, cronológica e universal. Aliado a esse processo mnemônico dos acontecimentos em suas respectivas datas e locais, estava a metodologia de leitura de livros escritos por professores, e demais obras, que serviam como alicerce para o aprendizado dos estudantes, norteando-os, também, nos testes e provas semanais.

Já no século XX, durante os anos 1930, buscaram-se mudanças metodológicas do ensino de História, porém, este ainda possuía caráter enciclopédico e metódico, de domínio absoluto dos conteúdos. Circe Bittencourt (2008) comenta que os anos 50 passaram pela consolidação do currículo científico, apresentando um novo formato para as áreas das ciências exatas.

Os métodos e conteúdos de ensino das disciplinas correspondentes provinham de projetos norte-americanos e estavam visivelmente direcionados para a formação de elites voltadas para a produção tecnológica, as quais deveriam estar submissas aos interesses do capitalismo assim como aos valores propugnados pela Guerra Fria. O debate sobre inovações metodológicas para a História integrava-se nesse contexto político-econômico. (BITTENCOURT, 2008. p.89)

Nesse momento o ensino de História deixa de ser um processo meramente mnemônico e passa a conter interesses ideológicos para a participação desse estudante no mercado de trabalho em que se insere, de acordo com as especificações do sistema político vigente.

Os debates em torno dos projetos de desenvolvimento para o Brasil voltam a se intensificar entre os anos 50 e 60 no Brasil. Freitas (1999) considera os anos 50 fundamentais para a análise da educação brasileira, observando no período um repertório considerável de ideias, propostas e instituições que tomaram a educação como crucial ao desenvolvimento do país. Os debates estavam marcados pelo contexto da Guerra Fria, pelas alternativas de desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo e pelos movimentos de engajamento. Freitas identifica um conjunto de questões relacionadas à redefinição da nacionalidade brasileira (SÁ, 2006. p.54)

Podemos verificar que na década de 1960 houve a intenção de aliar as mudanças dos métodos de ensino aos conteúdos de História. A intenção de o estudante compreender a questão

de nacionalidade e desenvolvimento estava implícita no processo. Aplicam-se, então, instrumentos diversos de aprendizagem para novas abordagens dos fatos e conceitos históricos a partir dessas concepções.

[...] Nessa perspectiva, as propostas de renovação dos métodos concentravam-se mais em desenvolver “técnicas de ensino” que se utilizassem de vários materiais e recursos didáticos, como leituras diversas de livros didáticos, “textos históricos originais”, jornais e revistas. Acentuava-se a necessidade de neutralidade diante da história recente por parte do professor, justificada pela objetividade fornecida por uma História de caráter científico. (...) Os métodos passaram a ser considerados “técnicas de ensino”, e iniciou-se fase de propostas de “tecnicismo educacional”. Havia “técnicas” para trabalho em grupo, técnicas de leitura de textos, técnicas para realizar excursões, técnicas de estudo dirigido etc. (BITTENCOURT, 2008, p.90-91)

Todo esse processo de tentativa de modificar a educação para algo mais amplo, que abrangesse técnicas que auxiliavam na aprendizagem, trazendo novas abordagens da história e da sociedade como um todo, sofreu um grande refreio no Brasil no período ditatorial que se apresentava em meio aos anos 1960.

Quando se adentra no período histórico brasileiro da Ditadura Militar, o processo educacional sofre outras alterações notáveis. Período esse que esteve marcado pela ausência de liberdade democrática e dominado por censura, aparecem restrições acerca do que estava sendo ensinado nas escolas, principalmente na disciplina de História.

[...] Miranda e Luca afirmam que os livros didáticos foram bastante afetados nesse contexto, constando na maioria das obras didáticas uma perspectiva de civismo e formação de determinada conduta dos indivíduos na esfera coletiva. As autoras fazem referência a estudos que evidenciaram que a produção didática desse período teve um caráter manipulador, falsificador e desmobilizador, com forte intento de formar uma geração acrítica. Ao mesmo tempo, amplia-se consideravelmente a população escolar, em um processo de massificação do ensino que inaugurou desafios ainda não solucionados até os dias atuais. (SÁ, 2006. p.55)

Saindo do período ditatorial do país, encontra-se na sociedade uma expectativa de modificações acerca das estruturas políticas, seguindo, então, mudanças na educação de forma democrática e crítica. Com o advento das mobilizações e movimentos sociais que reivindicavam democracia e cidadania, era necessário, neste momento, saber lidar com a oferta escolar implantada nos anos 1970.

A década de 1980 é marcada por grandes discussões sobre a democratização dos direitos sociais, entre eles a educação. Governadores voltam a ser eleitos, depois de anos de impedimento pela ditadura militar. Em relação ao ensino de História, destacam-se novas propostas curriculares surgidas em várias cidades. (...) Mello (1992) trabalha o intenso processo de mobilização dos professores nas discussões sobre as novas propostas de ensino de História. O contexto mais amplo da sociedade nos remete ao movimento das “Diretas Já”, em que grande parte dos professores se engaja na construção de novos caminhos democráticos de práticas políticas e, também, de práticas pedagógicas. (SÁ, 2006. p. 71)

Após esse processo, o ensino de História alcança outro patamar, onde o foco está em compreender a realidade histórica em movimento, incorporando, agora, a experiência do estudante para essa cena, percebendo-se integrante da História. Desse modo, começa-se a pensar e estrutura um processo ensino/aprendizagem elaborado e crítico.

Na tentativa de romper com uma visão evolucionista do movimento das sociedades humanas, surge a ideia de trabalhar com conceitos geradores de debates e experiências significativas para os alunos para favorecer o desenvolvimento do pensamento histórico reflexivo.(...) Mais recentemente, a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, encontramos elementos novos para a orientação sobre quais conteúdos da cultura brasileira e da memória seriam adequados para serem trabalhados em sala de aula, considerando a diversidade de público existente na escola e as diferentes realidades socioculturais brasileiras. (SÁ, 2006. p. 72-75)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais voltados à área das Ciências Humanas aprovados pelo MEC em 1996 auxiliou nos estudos e discussões acerca de documentações que dessem base para o novo currículo escolar, tanto para o ensino fundamental como o médio. A intenção desse projeto era tornar complementar o estudo entre o humanismo e a ciência, trabalhar as questões relacionadas ao indivíduo e o meio em que vive, entre o universal e o singular, fazer relações com as linguagens e a matemática, compreender conceitos de cultura e sociedade que circundam os indivíduos. A escola, segundo essa proposta, possui a “missão” de norteá-los para o caminho da compreensão desse processo, permitindo-os a estarem aptos para a vida adulta e ao entendimento de sua história e sociedade de modo crítico e livre.

Os PCNs das Ciências Humanas e suas Tecnologias apresentam princípios básicos para a educação no Brasil para o século XXI, dentre eles encontram-se quatro:

[...]aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser – destaca-se o **aprender a conhecer**, base que qualifica o fazer, conviver e o ser e síntese de uma educação que prepara o indivíduo e a sociedade para os desafios futuros, em um mundo em constante e acelerada transformação. A educação permanente e para todos pressupõe uma formação baseada no desenvolvimento de competências cognitivas, socioativas e psicomotoras, gerais e básicas, a partir das quais se desenvolvem competências e habilidades mais específicas e igualmente básicas para cada área de e especialidade de conhecimento particular. (p.11<sup>1</sup>)

Dentro da organização curricular no Ensino Médio o objetivo é a constituição de competências que permitam ao educando, segundo apresentação do PCN em Ciências Humanas, compreender os elementos cognitivos, afetivos e culturais que constituem a identidade própria e a dos outros; entender a sociedade, sua gênese e transformação, e os múltiplos fatores que nela intervém, como produtos da ação humana; a si mesmos como agente

---

<sup>1</sup>BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Retirado de <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>, em 13/11/2017 às 19h15min.

social, e os processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos; compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações de vida humana com a paisagem, em seus desdobramentos político-sociais, culturais, econômicos e humanos.

Quanto ao desenvolvimento tecnológico atual, o texto afirma, ainda, que o estudante deve entender os princípios desse processo e os impactos causados na humanidade, em questão à vida pessoal, os processos de produção da sociedade, o desenvolvimento do conhecimento, as formas de organização e fortalecimento do trabalho em equipe e a aplicação das tecnologias das Ciências Humanas e sociais nos âmbitos escolares, profissionais e em outros considerados relevantes para os indivíduos.

Entre outros apontamentos do documento, percebe-se a preocupação em tornar o estudante um indivíduo crítico e conhecedor do meio em que vive. Nos PCNs, as intensões são extremamente positivas no que diz respeito à formação do aluno.

Porém, a realidade escolar é complexa. As aulas com pouco tempo para o trabalho de desenvolvimento da análise e da crítica individual e coletiva, impasses relacionados a questão monetária, que impede o incentivo das instituições no investimento em materiais didáticos diversificados, compra de livros, financiamento de viagens à campo, reconhecimento salarial aos professores e demais profissionais envolvidos no processo educativo, aplicação em cursos de atualização e preparação para atender as necessidades das escolas – aprendizado da leitura em braile, interpretação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – entendimento sobre como trabalhar com alunos autistas, portadores de síndrome de Down, e outros aprofundamentos. Vavy Pacheco Borges (2005) comenta sobre as falhas do ensino de história,

[...] em especial o ensino público fundamental e médio –, é muito duro ter de escrever que não vejo ainda um raio de esperança. As condições de trabalho do professor são muito aviltantes, como patenteia a mídia do país; a formação universitária de professores de história é demorada, e supõe que o professor conheça muito bem como é produzida essa forma de conhecimento; somente assim estará ele (ela) em condições de evitar um ensino repetitivo e memorizador, que caracteriza o ensino da história até hoje. Não se consegue, ainda, de forma sistemática e ampla, despertar nos alunos o interesse pelo raciocínio histórico, mostrar sua importância. Ensino “decoreba” gera o “samba do crioulo doido”: embaralham-se em suas cabeças, desarticuladamente, nomes, datas, fatos, e personagens; há exemplos disso na mídia, por ocasião dos vestibulares, engraçados pela sua confusão, se não fossem tão tristes em sua significação. (BORGES, 2005. p.81-82)

O tom “realista” da autora se faz perceber quando relata acerca das condições de trabalho dos professores e da forma como a didática em história vem sendo aplicada durante os anos. Compreender o processo de produção histórica auxilia na transformação das aulas, além de aproximar o aluno do objeto de estudo de forma atraente.

Para isso, seria interessante haver uma adequação do professor à realidade do aluno e da sociedade em que vive, além da interação do mundo acadêmico – que traz as inovações epistemológicas acerca da educação – com o escolar – que transmite para, e dialoga com os alunos o que a instituição acadêmica produz. Quando a escola se volta para dentro da universidade, tem-se o incentivo para a realização de mais pesquisas que viabilizem a melhoria do ensino, auxiliando as instituições de ensino básico a aplicarem os parâmetros exigidos pela Lei de Diretrizes e Bases<sup>2</sup> e nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio.

## 1.2 ALUNO: O CENTRO DAS ATENÇÕES DA EDUCAÇÃO

A relação escola/universidade abordada anteriormente vem sendo aprimorada ao longo dos anos no Brasil, no intuito de compreender a educação para melhor realizá-la. O estudante e a forma como os conteúdos têm sido abordados em aula, tornou-se o foco de professores-pesquisadores de todas as áreas do conhecimento. Não seria diferente nas ciências Humanas. Fonseca (2009, p. 117) afirma que durante os últimos anos do século XX, um dos debates mais realizados na área do ensino de História, foi a produção de conhecimento histórico no cotidiano escolar. A preocupação tem estado em torno de utilizar o conhecimento prévio do estudante como um ponto de partida para a compreensão do mundo em que vive. Aproveitando o que o pesquisador russo L. S. Vygotsky (1896-1934) denominaria, também, como “conceitos espontâneos”, ou o senso comum, em contraponto com os “conceitos científicos”, os que são aprendidos durante o processo de escolarização do indivíduo. A relação entre esses conceitos faz parte da formação do conhecimento.

No que se refere ao modo pelo qual os conceitos são formados, a ênfase maior da teoria de Vygotsky recai na aquisição social dos conceitos, e não apenas na maturidade biológica<sup>3</sup>. São considerados fundamentais, nas apreensões conceituais, as dimensões historicamente criadas e culturalmente elaboradas no processo de desenvolvimento das funções humanas superiores, notadamente a capacidade de expressar e compartilhar com outros membros do seu grupo social todas as suas experiências e emoções. (BITTENCOURT, 2008. p. 187)

---

<sup>2</sup> É a lei 9394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. No artigo 22, especialmente, encontra-se a descrição do rumo a ser tomado em relação a educação básica: “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para ao exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para prosseguir no trabalho e em estudos posteriores.” (op. Cit. BEZERRA, Holien Gonçalves. In.: Karnal, Leandro. (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6.ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016)

<sup>3</sup> Contrapondo as ideias de Jean Piaget (1896-1980), que provém das preocupações biológicas do desenvolvimento humano, “(...) das adaptações orgânicas do homem e dos processos cognitivos que possibilitam sua adaptação ao meio por intermédio da inteligência. Nessa perspectiva o ponto central de sua obra é a construção do conhecimento pelo sujeito, partindo da gênese do pensamento racional.” (BITTENCOURT, 2008. p.185)

Por conhecimento do estudante, devem-se compreender as experiências históricas por eles vivenciadas, e a história apresentada, todos os dias, pelas mídias como: televisão, *blogs*, *Facebook*, vídeos de *Youtubers*, e *sites* de modo geral, com informações que “pipocam” nas redes sociais imediatamente após ou, ainda, durante os acontecimentos diários. Além disso, esses conceitos espontâneos são provenientes, também, dos núcleos de amigos do estudante, da sua família, do grupo religioso que participa, e todos os demais ambientes por ele frequentado. A ação ideal dos professores deve ser a complementação desse processo com a escolarização, onde trabalha-se nas perspectivas históricas possivelmente mal interpretadas, apresentando ao aluno contrapontos para que possa ter uma visão crítica de ser humano, de memória e de sociedade.

Como comenta Circe Bittencourt (2008), “Paulo Freire, desde seus primeiros escritos dos anos 1970, já considerava como ponto fundamental no processo de alfabetização de adultos o conhecimento que o sujeito cognoscível possui, a ‘leitura de mundo imersa no pensamento de cada um’.”. (BITTENCOURT, 2008. p. 190)

Os métodos de ensino mais “tradicionais” são relacionados, geralmente, a aulas realizadas em salas com quadro-negro, giz, livros ou apostilas, aulas mais expositivas do que dialogadas; em relação ao que o aluno aprende, os conteúdos são mecanicamente repetidos para os estudantes, e estes, apresentam as mesmas informações nas provas e outras atividades avaliativas, assim como a leitura e cópia das informações dos livros didáticos para seus cadernos, informações estas que serão decoradas e descartadas após a avaliação.

A identificação do ensino tradicional caracterizava-se pela ligação entre conteúdo e método, ambos associados a uma relação autoritária entre professor e aluno e entre a hierarquia de saberes. (...) Efetivamente, a partir dos anos 80, na fase de elaboração de reformulações curriculares, as críticas ao ensino de História voltaram-se contra uma “História tradicional” e pôde-se constatar a renovação de conteúdos e métodos por parte de muitos professores que enfrentavam, nas salas de aula, o desafio de trabalhar com alunos de diferentes condições sociais e culturais. A partir dessa época, passou a ser considerada a necessidade de uma mudança mais geral no ensino de História, a qual não se restringe ao método, embora ainda permanecesse muita confusão entre inovação metodológica e inovações técnicas, como o uso de computadores ou de outros recursos da mídia. (BITTENCOURT, 2008. p. 227-229)

Essa confusão que a autora apresenta acerca do fator inovação e utilização de tecnologias, Selva Guimarães Fonseca (2009) aproxima-se da ideia quando afirma que, apesar das discussões acerca do processo educacional com pais, professores, alunos e especialistas da área, a relação com métodos como a “pesquisa” por estudantes, serve apenas para maquiagem as aulas,

[...] sendo um mero “faz-de-conta”: um dos momentos em que o professor “finge que ensina e o aluno finge que aprende”. Geralmente, isso ocorre quando o professor seleciona os temas e solicita que os alunos façam um “trabalho”, “valendo” um certo número de pontos, não fornecendo nem mesmo um roteiro, nem tampouco as fontes, a bibliografia. Os alunos, em grupo ou individualmente, saem, no desespero, à “caça” de alguma obra e, geralmente, copiam trechos de livros, sem aspas; aqueles que tem acesso à Internet, imprimem textos de sites, sem nenhum esforço de investigação, análise e síntese. Entregam esses textos aos professores, que, geralmente, não têm tempo para lê-los e acabam avaliando pela estética, pelo tamanho do trabalho, ou pelas simpatias pessoais. (FONSECA, 2009. p. 117-118)

A autora apresenta, neste trecho, uma situação de cotidiano escolar que, possivelmente, seja real na maioria dos casos. Porém, a busca por compreender se isso de fato ocorre, é o motivo principal deste projeto; analisar questionários respondidos por estudantes e professores do segundo ano do ensino médio, acerca das pesquisas em história, pode auxiliar a identificar a afirmação de Selva Guimarães Fonseca como verídica neste processo. Ainda nas palavras da autora,

[...] hoje, é bastante óbvio que a sala de aula não é mais o palco onde se apresentam monólogos para um público passivo. O professor de História sabe que não basta falar, para que os alunos aprendam. O trabalho em sala de aula exige um professor em permanente situação de investigação, despertando a curiosidade, a criatividade e o interesse pelo ensino que leva como pressuposto a descoberta. (FONSECA, 2009. p.121)

Com o advento da Internet, a realidade escolar muda de figura, e o professor de história necessita adequar-se a essa ferramenta tecnológica que transformou algumas sociedades desde seu surgimento. Jaime e Carla Bassanezi Pinsky (2016) sugerem que o desafio que está posto no novo milênio é:

adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia. (KARNAL, 2016. p. 19)

Porém, como bem apresenta o autor Leandro Karnal,

[...] uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno. Em outras palavras, podemos utilizar meios novos, mas é a própria concepção de História que deve ser repensada. (KARNAL, 2016, p. 9)

Tudo dependerá da forma como o professor conduzirá as aulas para torná-las adequadas para cada situação.

### 1.2.1 A pesquisa como método de ensino

Assim como a historiografia vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, o ensino de História percorre caminhos semelhantes. Selecionar conteúdos, apresentar conceitos históricos, pensar em atividades dinâmicas que alcancem o interesse do aluno, aproveitando o que ele já sabe sobre o assunto, não é tarefa fácil.

A utilização da pesquisa em História pelos alunos como metodologia de ensino está relacionada, a princípio, com a questão do avanço tecnológico e de comunicação, que permite o indivíduo a ter um alcance facilitado das informações que, anteriormente, estava encerrado em livros e Barsas em bibliotecas – das escolas ou da própria cidade – que o indivíduo poderia não saber localizar. Circe Bittencourt (2008) comenta que a aspiração por modificações no trabalho educacional tem estado presente na história da prática docente e precisa-se, por isso, compreender que conteúdos e métodos tem sua construção realizada durante o processo, de acordo com os ditames da sociedade. Afirma, também, que

As mudanças de métodos e conteúdos precisam ser atendidas à luz da concepção de “tradição escolar”, sendo necessário perceber, por intermédio desse conceito, dois aspectos fundamentais. O primeiro opõe-se à ideia de que, em educação, seja preciso sempre “inventar a roda”, bastando verificar que muito do que se pensa ser novo já foi experimentado muitas outras vezes. Outro aspecto a ser levado em conta no processo de renovação é o entendimento de que muito do “tradicional” deve ser mantido, porque a prática escolar já comprovou que muitos conteúdos e métodos escolares tradicionais são importantes para a formação dos alunos e não convém serem abolidos ou descartados em nome do “novo”. Assim, há que haver cuidado na relação entre permanência e mudança no processo escolar. (BITTENCOURT, 2008. p.229)

A pesquisa em documentos históricos, livros, jornais, análises de fotografias e obras cinematográficas não podem ser consideradas algo novo na educação; neste caso, não pretende-se “recriar a roda” quanto a questão metodológica do ensino de história, busca-se, sim, melhorá-la. Há muito são usadas essas ferramentas no ensino de História como forma para atrair a atenção do estudante e complementar as aulas expositivo/dialogadas do cotidiano escolar. No entanto, o que rejuvenesce o processo – que aparentemente é corriqueiro e pode-se pensar numa tradicionalidade – é a forma como os professores se utilizam dessas fontes e as apresentam a seus alunos. Um filme sem a devida explicação sobre seu contexto histórico – do enredo relatado na obra, e da realidade da sociedade da época em que ele foi produzido – perde seu valor educativo e passa a ser mero entretenimento. Uma fotografia sem a mesma análise, apenas serve para ilustrar um período pretérito, ao invés de conduzir o indivíduo a, realmente, voltar no tempo, e compreender o espaço que o engloba – geográfico, cultural, sociológico, histórico, ético, político, econômico, de gênero etc.

No processo investigativo histórico do estudante, a intervenção do professor, para que esse momento não esteja relacionado apenas a buscar informações para realizar o trabalho solicitado, deve ser elaborada, explicando aos seus interlocutores a forma como a pesquisa deve prosseguir, quais elementos buscar, quais as fontes – se primárias, secundárias ou terciária – necessárias para chegar ao resultado final da investigação; durante o processo, a contextualização histórica e a explicação do conteúdo deve complementar a atividade, possibilitando posterior debate entre os estudantes para completa apreensão do tema estudado.

Um educador crítico que assume uma atitude de reconstrução curricular constrói uma outra relação professor/aluno que permite o trabalho de reflexão conjunta, no qual os alunos são orientados na busca de respostas às suas inquietações. Ao contrário, um educador que inconscientemente ou deliberadamente oculta, ou se torna mero consumidor acrítico de materiais curriculares (programas, textos, livros), ou ainda, sucumbe a elementos conjunturais (tempo, hábitos da instituição, normas que recebe etc.), com base nos quais executa suas atividades. (FONSECA, 2009.p.120)

A relação de confronto de diversas fontes, por exemplo, é um modo de aprimoramento da crítica dos estudantes, onde podem perceber as diferentes concepções acerca de um determinado assunto, elencando argumentos para a reflexão conclusiva do assunto.

A metodologia de pesquisa em história, no entanto, precisa ser ordenada, fazendo com que o estudante seja um elemento que deixe de ser o espectador e vire agente da parte do processo construtor e investigativo da história estudada em sala. Segundo Selva Guimarães Fonseca (2009), o aluno:

[...] constrói conhecimentos, desenvolve atividades, discute, participa, busca informações. E o professor orienta e conduz o trabalho na busca das respostas aos problemas levantados. A assimilação se processa de forma contínua, ativa e questionadora. Mais do que adquirir conhecimentos o aluno questiona. O professor, por sua vez, também não apenas ensina, transmitindo conhecimentos – ele investiga, apreende, questiona, estimula, organiza, orienta e sistematiza. (p.122)

Um projeto de pesquisa escolar segue as mesmas orientações do desenvolvimento de qualquer projeto. Deve haver a elaboração, desenvolvimento e apresentação de resultados. Não de forma tão rígida quanto artigos e outros trabalhos científicos, porém, o estudante deve ter consciência de que todo o processo investigativo deve seguir esse padrão, e cabe aos professores explicar de forma clara e objetiva os elementos desse trabalho. Apontar um cronograma para os alunos é fundamental para uma boa pesquisa em história. Tema (o que se investiga), objetivos (para quê), justificativas (os porquês), a metodologia (quais os passos a realizar) e as fontes (onde localizar), são definições importantes para os participantes da atividade compreenderem de que modo deve agir na hora de fazer a investigação.

Essa proposta metodológica proporciona ao estudante a liberdade de ações durante a pesquisa. O indivíduo, após as especificações de como deve seguir o trabalho investigativo, encontrará as fontes que achar adequadas para o trabalho. Irá realizar comparações com outras fontes, apresentará um ponto de vista acerca do que está sendo estudado a partir do que ele já sabe sobre o assunto, e, com os debates posteriores, poderá realizar relações entre o que foi estudado com a atualidade, compreendendo que a História não é uma disciplina pronta e acabada, que é dinâmica na medida em que as sociedades se modificam. Selva Guimarães afirma, dentro da perspectiva da construção do conhecimento e sua apreensão pelo estudante, que:

A utilização de documentos numa perspectiva metodológica propicia o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem que tem como pressuposto a pesquisa, o debate, a formação do espírito crítico e inventivo. Isso implica dizer que professores e alunos podem estabelecer uma outra relação com as fontes de saber histórico.(...) Essa experiência reforça em nós a convicção da possibilidade de: a) desenvolvimento de trabalho em pesquisa nas aulas de história; b) utilização de documentos de forma problematizadora; c) incorporação/utilização/desenvolvimento de diferentes linguagens nas aulas de história; d) construção/sistematização de conhecimentos; e) estabelecimento de um diálogo crítico intertextual; f) redimensionamento das relações entre diferentes ritmos e temporalidades. Portanto, os documentos não mais falam por si mesmos, mas nos sugerem inúmeras questões, possibilidades de diálogos constitutivos do processo de leitura e reconstrução permanente da história. (FONSECA, 2009, p. 217-223)

Independentemente de as fontes serem apenas documentais, a afirmação da autora colabora para a defesa da ideia de que a metodologia de pesquisa em história é construtiva para a aquisição do conhecimento pelos alunos, para o seu reconhecimento enquanto agente histórico, para avaliar o contexto dos acontecimentos atuais e poder compreender sua ligação com os demais fatos históricos correlacionados no processo, e para a lapidação desse indivíduo como um ser crítico e entendedor do mundo em que vive.

## **2 TABULAÇÃO DOS DADOS: AVALIAÇÃO PARCIAL.**

A realização do projeto ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio Professor João Germano Imlau, localizada na Rua Passo Fundo, nº 34, da cidade de Erechim, Rio Grande do Sul. O número de estudantes da turma 202, em geral, contabiliza 26 adolescentes entre 16 e 17 anos. Na data da aplicação do questionário, estiveram presentes 21 alunos, sendo que 16 aceitaram participar da atividade.

A escola passa por momentos delicados causados pela greve que reivindica o pagamento adequado aos professores, que estão recebendo seus honorários atrasados e parcelados. Por conta das aulas em horários diferenciados, o agendamento para a resposta das questões pela turma teve que ser adiado em vários momentos. Esse processo justifica a quantidade reduzida de alunos em sala e a pouca participação destes na atividade.

Porém, como a instituição tem a preocupação de aliar a escola à Universidade – com atividades que possam melhorar a educação ou levar integração dos estudantes com estagiários e pesquisadores – foi possível reservar um momento para a consolidação da pesquisa.

A partir deste momento, o capítulo estará concentrado na análise “crua” das respostas dos estudantes e dos professores consultados. Durante esse processo serão apresentados gráficos e comparações para posterior observação crítica dos dados.

### **2.1 RESPOSTAS DOS ESTUDANTES: EXTRAINDO DADOS.**

As perguntas tiveram o objetivo de compreender o que os estudantes pensam a respeito das pesquisas solicitadas pelos professores de história durante dos conteúdos dos trimestres, além de verificar qual a fonte mais utilizada por eles na busca dos assuntos solicitados. A importância das questões está em saber o que o estudante espera da disciplina e do professor, como prefere aprender e, ainda, se aprecia o estudo através da pesquisa.

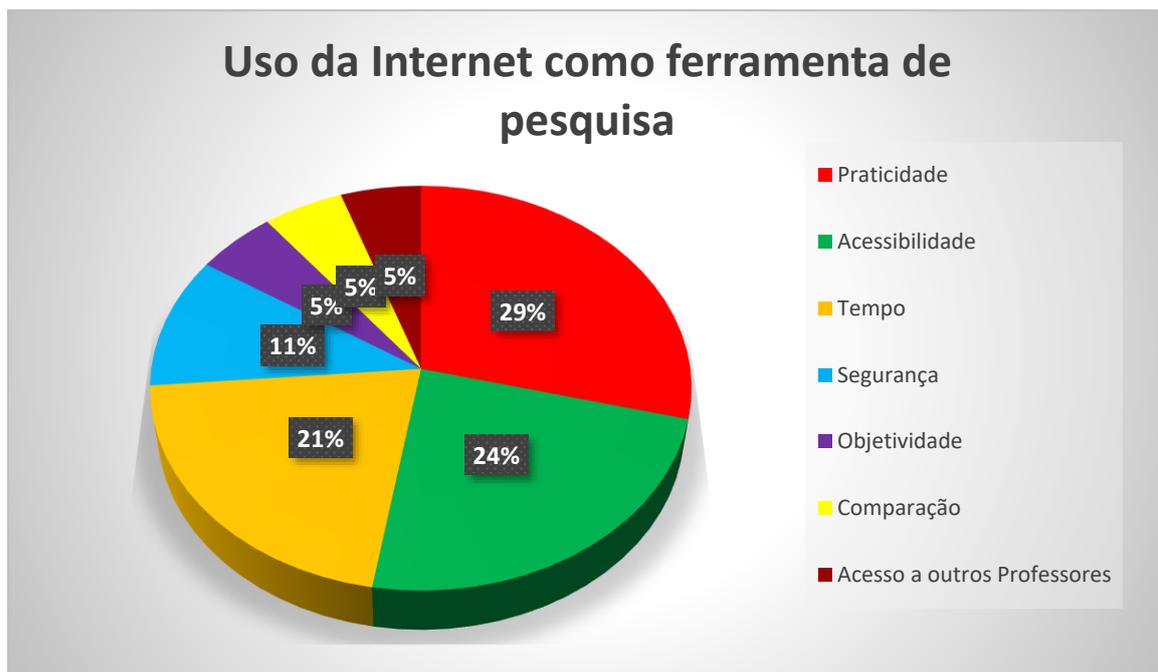
As respostas ocorreram na data de 09 de novembro de 2017, às 11h10min, com duração de 15min, aproximadamente. Entre os 16 participantes, nove tinham 16 anos de idade, e sete tinham 17.

**Pergunta nº1:**

“Quando o professor de História solicita uma pesquisa sobre determinado assunto, onde, geralmente você faz as buscas? Assinale a alternativa: (a) Internet (b) Livros (c) Revistas (d) Outros”

Dos 16 participantes, 14 assinalaram a alternativa **A**, justificando, na maioria das respostas, que a internet traz praticidade em realizar as buscas, é o meio mais acessível para encontrar as informações, o tempo de pesquisa é rápido e, dentre as mais respondidas está a questão de terem segurança na informação apresentada pelos *sites*. Dentre estas afirmações, encontram-se, também, as justificativas de que pesquisando na rede tem-se a possibilidade de realizar comparações do que foi pesquisado em várias páginas, facilidade e objetividade para localizar as informações desejadas e, ainda, o possível acesso a outros professores e materiais disponíveis em *sites* e no *Youtube*.

Abaixo é apresentado um gráfico que mostra de forma clara os elementos mais relevantes apresentados pelos alunos.



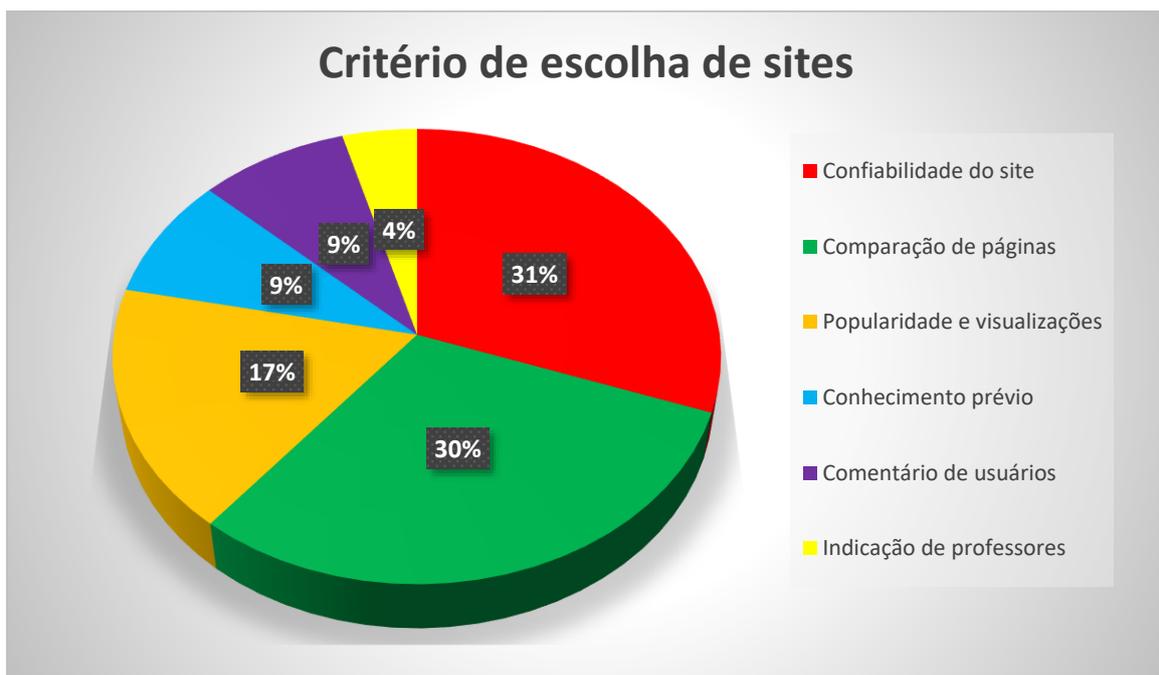
**Gráfico 1 – Uso da Internet como ferramenta de pesquisa**

Apenas dois estudantes assinalaram as alternativas **A** e **B**, justificando que utilizando o livro e a internet podem confirmar a veracidade de informações contidas em ambos, além de serem elementos complementares.

**Pergunta nº. 2:**

“Se você faz pesquisas pela internet, como escolhe o site que usa para fazer seu trabalho? Justifique sua resposta”.

As respostas seguiram na lógica da busca pela “segurança e confiabilidade das páginas”, além da comparação entre elas para verificar a veracidade da informação apresentada; os alunos também apontaram, como elemento de relevância na hora da escolha do *site* a ser escolhido, a popularidade e maior visualização na web. Avaliação dos comentários de outros usuários da página, indicação dos professores do melhor local de pesquisa, e base no conhecimento prévio de utilização dos sites, também foram as alternativas que justificaram o pré-requisito para a escolha das informações *online* disponíveis. O próximo gráfico mostra a porcentagem das respostas:



**Gráfico 2 – Critério de escolha de sites**

Obteve-se, também, respostas como: “a primeira que aparece”, “apenas pesquiso no ‘GOOGLE’, o site que me parecer mais organizado eu clico”, “Sites confiáveis. Gosto da youtuber, estudante de História: Débora Aladim”, e ainda, “Eu escolho o site dependendo da linguagem, da segurança e principalmente da fluência e praticidade que é exposto o conteúdo que preciso”. Pode-se perceber que, apesar de muito próximas das respostas anteriores, em

questão de segurança e validade do conteúdo, ainda assim, temos elementos importantes a serem avaliados no que se refere ao que os estudantes pensam sobre pesquisa.

**Pergunta nº. 3:**

*“Você gosta quando o professor ou professora de História pede para fazer pesquisas sobre os conteúdos estudados em sala? Escolha a alternativa: (a) sim (b) não”*

Dos 16 participantes da pesquisa, 14 responderam que gostam de realizar pesquisas na disciplina, 1 assinalou a alternativa b, alegando: *“Na minha opinião não, porque eu gosto de pesquisar sobre assuntos novos, e se já foi falado em sala de aula, não gosto de pesquisar mais, pois se torna cansativo, mas se for para fazer algum trabalho mais aprofundado, aí tudo bem”*. O outro caso em que não foi assinalada nenhuma das alternativas, mas adicionou uma terceira, intitulada “depende”, afirmou-se que: *“Caso ele(a) já tenha explicado o conteúdo em questão de maneira clara e compreensível e posteriormente pedir à nós uma pesquisa para aprofundar o conhecimento no assunto em questão”*. Essa resposta pode ser considerada fora da medição de quantos “sim e não” foram respondidos. Caso o professor ou professora não tenha explicado o conteúdo anteriormente, a resposta do estudante seria **não**; do contrário, seria **sim**.

As demais respostas caminharam por direções próximas, argumentando que gostam de pesquisa em História por poderem se aprofundar no assunto estudado e, ainda, adquirirem conhecimentos que vão além da sala de aula. Outras defesas estavam em descobrir informações novas, complementar o que o livro didático não oferece, por ser incompleto auxiliar na aquisição de notas e poder ter acesso a outros professores, materiais e vídeos explicativos.



**Gráfico 3 – Gosto pela pesquisa em História**

**Pergunta n.º 4:**

*“Depois de feito o trabalho escrito, geralmente, há apresentação das pesquisas para os colegas e professor (a)? (a) Sim (b) Não”*

Todos os estudantes afirmaram ter socialização das pesquisas em sala, e as justificativas sobre o que eles pensavam sobre essa atividade mostrou-se bastante relevante. Um grande número dos participantes afirma que gosta dessas atividades pelo fato de poderem compartilhar os conhecimentos e ideias com os colegas e aprender novas informações com as outras apresentações. Outro detalhe ressaltado pelos estudantes é o auxílio na compreensão do conteúdo estudado em sala e sua “fixação”, quando da necessidade de realização de atividades avaliativas. A ajuda na oralidade e desenvolvimento na fala em público também parece nas justificativas. Porém, enquanto a maioria dos consultados pensa no conhecimento, dois deles apresentam uma linha de pensamento distintas, afirmando que a apresentação das pesquisas “gasta muito tempo das aulas” e “é melhor porque força o aluno a estudar, ajudando-o na hora da prova”. Em uma análise primária e crua, pode-se dizer que “remam contra a maré”, mas não deixam de ser elementos importantíssimos para esta pesquisa. No gráfico a seguir, pode-se ver as porcentagens das respostas.



Gráfico 4 – Socialização da pesquisa em sala de aula

#### Pergunta nº. 5:

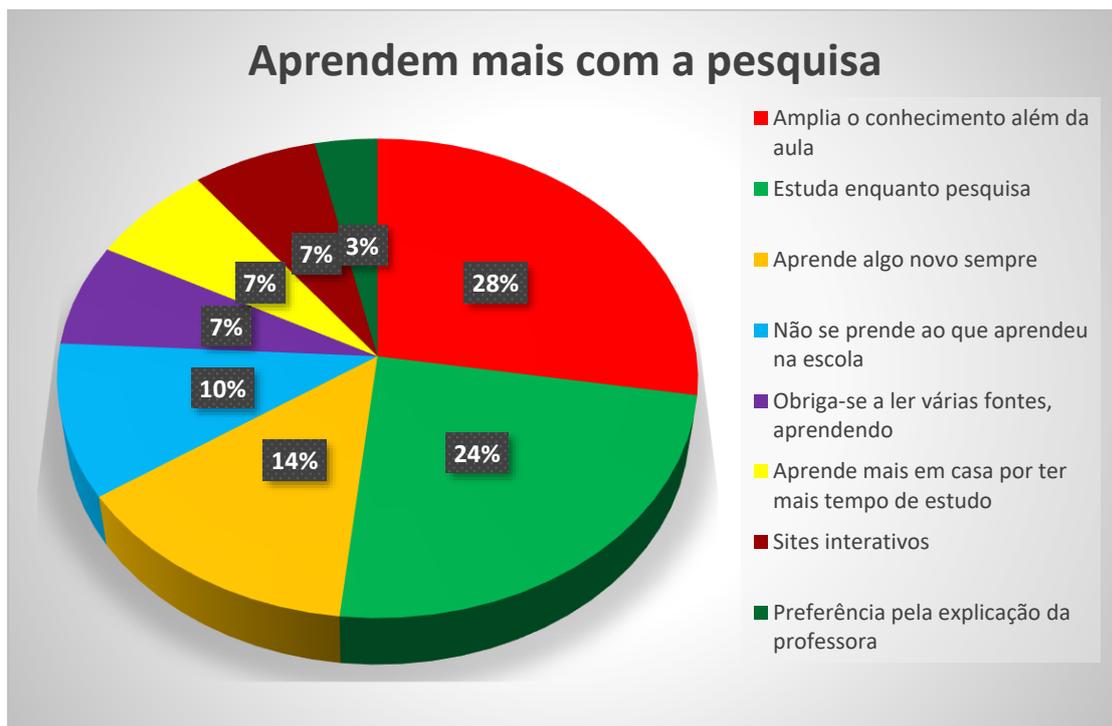
“Você acha que aprende mais sobre os conteúdos de História quando faz pesquisas?  
(a) sim (b) não”

Essa questão teve 15 respostas **sim**, e uma **não**. De acordo com as opiniões apresentadas, a maioria dos alunos acreditam que ampliam os conhecimentos obtidos na escola quando realizam pesquisas, estudam automaticamente enquanto buscam sobre os temas solicitados, aprendem algum assunto novo durante a atividade, e alguns afirmam, ainda, que não se prendem apenas aos conteúdos apresentados em sala. Outros dizem que aprendem mais com a pesquisa porque “(...) os sites em que costumo pesquisar são mais interativos”, “pois eu agrego mais com leituras para estudar (sic) e pesquisa (sic)<sup>4</sup> pois nem sempre tudo é falado em aula”, “Muito porque você tem que ler várias fontes para chegar em uma conclusão, e assim você decora o que está lendo e não passa apenas o olho sem ler e copiar o que está ali”, “Porque você vai atrás do conteúdo, faz a pesquisa, lê sobre o assunto e isso desperta interesse, pois o conteúdo geralmente é amplo o que faz não ter tempo suficiente somente em aula para absorver e compreender”, “Pois história não tem um padrão que você decora e usa constantemente você deve pegar o livro usar a internet e pesquisar o assunto para compreendê-lo”, “Quando pesquiso tenho mais tempo para fazer relações ao que sei” e, por fim “Com certeza, porque

<sup>4</sup>Neste caso o estudante refere-se a estudar e pesquisar.

*muitas vezes o que não é entendido dentro da sala de aula acabo revendo na internet e aí sim entendo, principalmente se é algum site que tem uma forma mais dinâmica, ainda sim consigo aprender coisas novas”.*

A resposta negativa justifica-se como sendo “(...) *melhor com uma professora explicando*”, saindo da “correnteza” que os outros alunos seguem em identificar a pesquisa em História como um elemento importante para o aprendizado.



**Gráfico 5 – Aprendem mais com a pesquisa.**

#### **Pergunta n.º 6:**

*“Você prefere escrever sua pesquisa para o(a) professor(a) igual ao texto original da internet, ou gosta de expor suas palavras sobre o que está buscando? Por que? Justifique sua resposta.”*

A análise dessa questão está relacionada ao “copiar e colar” que muitas vezes é percebido em correções de trabalhos, quando realizadas as buscas pela internet. As respostas foram diversas e, por isso, serão relatadas na íntegra com gráfico comparativo posterior. O anonimato dos estudantes será garantido e suas identificações serão feitas através de números.

**Aluno 1:** *“Tanto faz, deixando legível e não copiado”*

**Aluno 2:** *“Eu gosto de expor minhas palavras sobre o que estou buscando, geralmente leio pesquisas de diversos sites e depois chego a uma união de ideias, a partir daí posso fazer meu relatório.”*

**Aluno 3:** *“Expor minhas palavras para mostrar as informações de forma mais clara.”*

**Aluno 4:** *“Gosto de fazer uma mesclagem entre os dois, pois isso abrange minha opinião e o dado base.”*

**Aluno 5:** *“Depende, as vezes uso o que esta na internet, se não, eu uso as minhas palavras e o que entendi para escrever.”*

**Aluno 6:** *“Gosto de me basear na pesquisa, mas nunca deixar o texto original pois eu não poderia chamar de minha pesquisa, se eu copiasse palavras de outras pessoas.”*

**Aluno 7:** *“Gosto de escrever com minhas palavras, primeiro para não ser plágio, segundo, isto estimula nosso cérebro a compreender bem o conteúdo para poder escrever corretamente e sem alterar o sentido ou o assunto.”*

**Aluno 8:** *“Dependendo o assunto o texto original já está modificado e assim dificulta a explicação sem copiar partes que estão lá, mas muitas das vezes é bom expor as ideias.”*

**Aluno 9:** *“Difícilmente mudo para as minhas palavras, só caso eu não encontre a melhor resposta e passo a complementar com as minhas palavras.”*

**Aluno 10:** *“Eu gosto de ler o conteúdo e escrever com minhas palavras pois, se copiarmos da internet não iremos ter raciocínio rápido e não aprendemos.”*

**Aluno 11:** *“Gosto de expor minhas palavras, juntamente com o resumo dos assuntos.”*

**Aluno 12:** *“Prefiro me expressar oralmente, porque assim percebo se realmente aprendi o conteúdo.”*

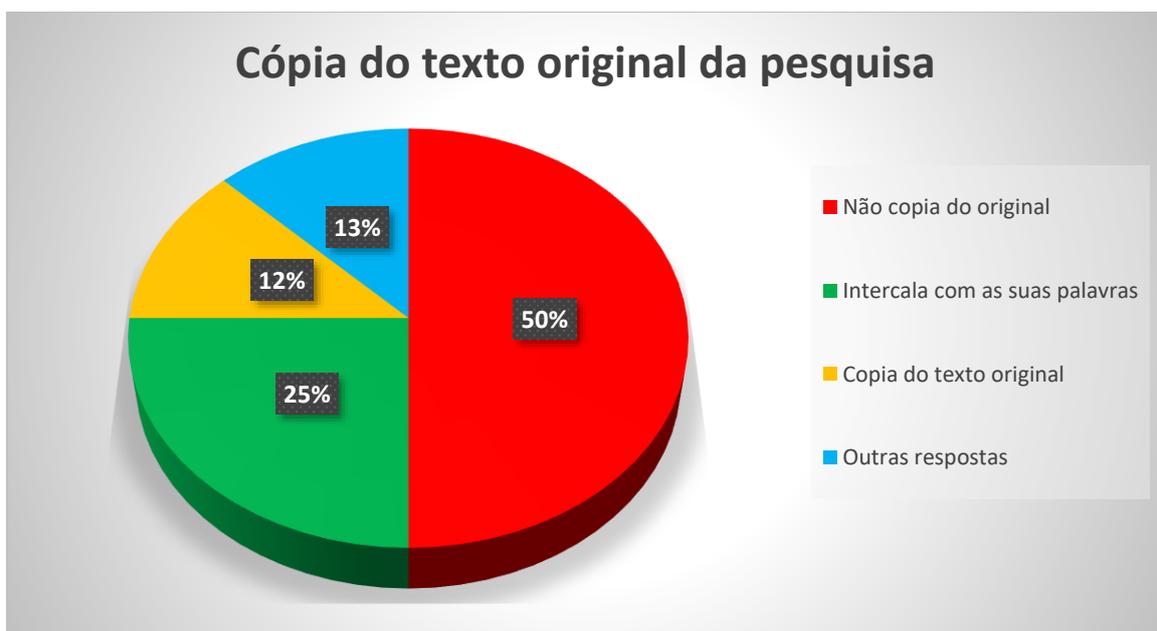
**Aluno 13:** *“Quando coloco com minhas próprias palavras consigo entender mais sobre o conteúdo, pois tenho que entender antes de escrever o texto e quando copio o texto original, nem sempre tenho conhecimento do que estou copiando.”*

**Aluno 14:** *“Copiar, pois as vezes se torna mais fácil.”*

**Aluno 15:** *“Eu acho mais complicado expor com as minhas palavras, mas é o correto, porque se fosse copiar o texto original, você acaba não aprendendo o conteúdo.”*

**Aluno 16:** *“Gosto de ler o texto original e tirar minhas próprias conclusões escrevendo-as no trabalho.”*

Percebe-se aqui a importância que os estudantes dão à questão da aprendizagem quando realizam as pesquisas. Se importam com o fato de que é necessário compreender o assunto para escrevê-lo, dando possibilidade à aprendizagem não apenas do conteúdo, mas sim, do desenvolvimento da comunicação escrita. Os que apresentam dificuldades nesse processo, buscam mesclar a pesquisa realizada com o entendimento do assunto, complementando o que foi descrito anteriormente. O gráfico a seguir apresenta os dados:



**Gráfico 6 – Cópia do texto original da pesquisa**

**Pergunta nº. 7:**

*“Se fosse possível mudar o jeito de aprender História na escola, o que você sugeriria?”*

Esta questão está relacionada com o que o aluno deseja como possível método de aprendizagem em História, suas expectativas, e o que realmente chamaria a atenção dele para os assuntos abordados em sala e, conseqüentemente, de que maneira aprenderiam melhor os conteúdos. A intenção é averiguar se o quesito “mais pesquisas”, por exemplo, aparecem nas respostas, além de compreender se “menos pesquisas e mais alguma outra coisa”, exemplificando, consta em suas afirmações.

Do mesmo modo que a pergunta anterior, serão descritas as respostas uma a uma, por questão de opiniões distintas entre os estudantes.

**Aluno 1:** *“Mais discussões, mais exercícios que fazem pensar por outro lado.”*

**Aluno 2:** *“Para mim a maneira mais fácil de aprender história é fazendo teatros, “filmes”, vídeos, apresentações diferenciadas, e não ficar só em pesquisas.”*

**Aluno 3:** *“Ver mais vídeos, documentários e fazer mais trabalhos em grupo para apresentar.”*

**Aluno 4:** *“Ver mais vídeos, filmes e mais trabalhos em grupo. ”*

**Aluno 5:** *“Resumos intuitivos, vídeos, documentários, professor fazer assimilações dos conteúdos, como por exemplo: O que a Revolução Industrial mudou nos dias de hoje? Etc...”*

**Aluno 6:** *“Sugeriria fazer mais pesquisas pois assim seria um modo das pessoas se aprofundar mais em determinado assunto.”*

**Aluno 7:** *“Eu gostaria de mais atividades diferentes, teatros sobre a história, mais tecnologia, ideias diferentes.”*

**Aluno 8:** *“Eu sugeriria fazer visitas a lugares históricos ou peças de teatro sobre determinado conteúdo que é estudado.”*

**Aluno 9:** *“Bastantes trabalhos e interação de todos.”*

**Aluno 10:** “Eu utilizaria mais meios tecnológicos e físicos, como assistir a filmes ou documentários, ferramentas digitais como tablets ou notebooks que em caso de dúvidas auxiliassem o docente para sanar a dúvida do estudante e realizar viagens ou excursões para locais históricos e compreender melhor o conteúdo visto dentro da sala de aula.”

**Aluno 11:** “Eu acredito que não podemos aprender sempre pelos métodos tradicionais, com o professor na sala de aula passando o conteúdo no quadro, devemos ir além, visitar lugares históricos, museus e etc.”

**Aluno 12:** “Maior quantidade de debates sobre o assunto ajuda.”

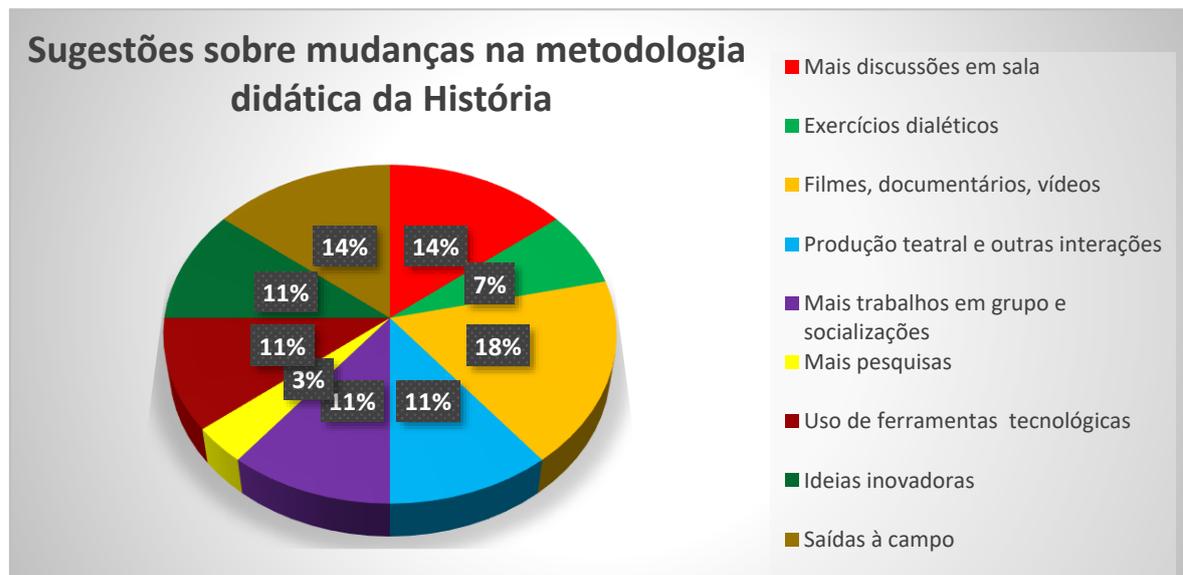
**Aluno 13:** “Atividades diferentes, para que não se torne algo monótono a aula.”

**Aluno 14:** “Maior trabalho com as informações.”

**Aluno 15:** “Eu sugeriria um jeito de aprender mais dinâmico, envolvendo mais participação dos alunos, mais tecnologia e outros espaços para presenciar e aumentar o conhecimento sobre história.”

**Aluno 16:** “Filmes, documentários; uma aula mais atualizada mas infelizmente, aqui é Brasil, vai demorar uns anos.”

A última questão do projeto busca visualizar o que os estudantes compreendem como relevante para o aprendizado em história, que será apresentado no gráfico a seguir.



**Gráfico 7 – Sugestões sobre mudanças na metodologia didática da História**

De modo geral, pode-se perceber que os estudantes que realizam suas pesquisas em História o fazem pela internet, avaliam vários sites e verificam sua segurança na hora do acesso, buscam não copiar o texto original da investigação e gostam quando realizam essas atividades.

Um grande número de alunos diz aprender mais com as pesquisas e as socializações em turma servem para o compartilhamento das informações e apreensão do conhecimento. Quanto às melhorias no modo de aprendizagem em história, muitos citam a importância dos debates em sala, da apresentação de trabalhos, de atividades com recursos audiovisuais e a produção de teatros ou momentos interativos com a turma. Porém, o que se mostrou relevante para esses alunos é a importância da saída à museus ou locais históricos, já que consideram que tais ambientes propiciam melhor aprendizado em História.

A partir deste momento, serão extraídos os dados das respostas dos professores, seguindo com o mesmo modelo de interpretação realizado com os alunos. Posteriormente, serão identificadas divergências e similaridades das respostas dos participantes da pesquisa.

## 2.2 RESPOSTAS DOS PROFESSORES: EXTRAINDO DADOS

Para que seja possível realizar uma pesquisa quantitativa e qualitativa com bons resultados, pensou-se em questionar professores de História da escola em que o questionário foi aplicado, além de alguns de fora, o que garante o maior número de profissionais da área contemplando a análise acerca da metodologia de ensino. Da instituição, foram convidados quatro professores a participarem da pesquisa, porém, apenas três decidiram colaborar com a atividade; fora da instituição, decidiu-se contatar duas professoras de outra cidade, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aratiba, para que não haja vínculo algum com os demais profissionais e estudantes que cooperam com a pesquisa.

As questões são voltadas, assim como para os estudantes, para a metodologia de pesquisa. Porém, nesse caso, questiona-se sobre a aplicabilidade da investigação em História para os alunos e os desdobramentos dessa ação.

Segue-se, então, para as questões e a análise parcial dos dados obtidos.

### **Questão nº. 1:**

*“Durante as atividades de sua disciplina, você utiliza a pesquisa como metodologia? Se sim, é através da Internet? Se não, justifique sua resposta.”*

Dos cinco professores participantes da pesquisa, todos responderam a esta questão positivamente e com afirmações de que além do uso da internet para as atividades, os assuntos são pesquisados em livros, revistas e jornais disponibilizados, na maioria dos casos, pela própria instituição.

Um dos interrogados comenta que “(...) Além da internet são utilizados outros métodos de pesquisa como: pesquisas em enciclopédias, livros didáticos e entrevistas. É importante que explorem várias fontes para que compreendam a história como sendo um fruto de transformações”.

Como neste caso a maioria dos professores acrescenta os três principais meios de pesquisa para os estudos de história como sendo livros, jornais e revistas, não há necessidade de gráfico comparativo das respostas.

### Questão nº. 2:

“Quando solicitas pesquisas aos estudantes, quais são, em geral, os critérios de avaliação utilizados para esta atividade?”

Quanto ao critério de avaliação, as respostas tiveram elementos próximos, porém, com apontamentos relevantes sobre como são avaliados os estudantes ao final das atividades investigativas solicitadas pelos professores. O gráfico abaixo apresenta os principais fundamentos de verificação dos trabalhos.



Gráfico 8 – Critério de avaliação.

Compreende-se, então, avaliando as respostas, que os critérios de avaliação mais relevantes são, em 1º lugar, envolvimento, interesse na pesquisa, apresentação dos resultados; em 2º, ficam as fontes da pesquisa, conteúdo e objetividade da investigação. Os elementos relacionados a criatividade, compreensão do tema, estrutura da pesquisa, relevância e resultados, ficam em terceiro lugar.

**Questão nº. 3:**

*“Diante dessas atividades, percebe-se interesse ou desinteresse dos estudantes na participação ou envolvimento na pesquisa? Como eles demonstram isso?”*

Nesta questão, quatro professores afirmam que há interesse em grande parte das turmas na participação das atividades; apenas uma pessoa afirmou que 50% dos estudantes dedicam-se a atividade e, os demais, não. No que diz respeito à percepção de onde os alunos demonstram gostar do trabalho de pesquisa, as respostas foram variadas, e serão explicitadas uma a uma a seguir, diferenciando os professores por números, para manter o anonimato:

**Professor 1:** *“Eu avalio que 50% da turma (dos alunos) são interessados e outros 50% desinteressados. Demonstram perguntando, opinando e inclusive sugerindo temas a serem vistos. Os que não tem interesse demonstram ‘deitando’ na classe, faltando aula e conversando o tempo todo.”*

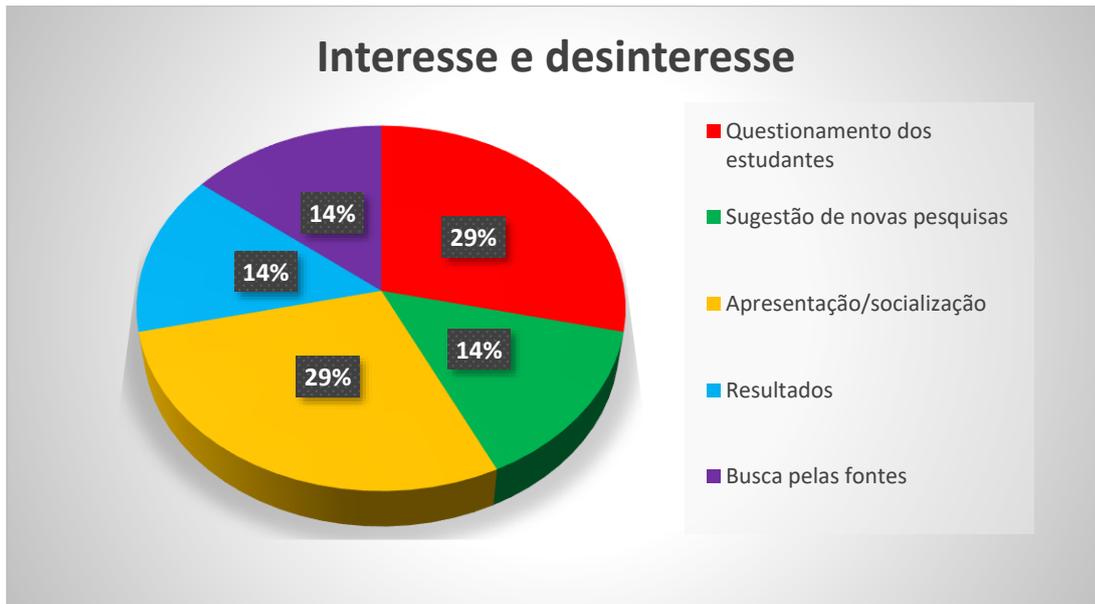
**Professor 2:** *“Na maioria dos casos percebe-se envolvimento e interesse demonstrado por questionamentos e resultados apresentados. Não alcançamos nunca 100% pois alguns alunos resistem e não fazem.”*

**Professor 3:** *“Percebe-se interesse pela grande maioria dos estudantes através dos trabalhos de pesquisa realizados, na apresentação dos mesmos e a motivação que eles demonstram. Também percebe-se o interesse dos alunos durante a socialização dos trabalhos.”*

**Professor 4:** *“A maioria demonstra interesse buscando fontes, relacionando com imagens e organizando uma socialização com criatividade.”*

**Professor 5:** “Na maior parte dos casos há interesse sim mas é perceptível uma grande dificuldade de compreender o que é dito no material encontrado, bem como mesclar com os conhecimentos e assuntos trabalhados em aula.”

Abaixo é apresentado um gráfico ilustrando as questões que mais se ressaltaram nas respostas descritas anteriormente.



**Gráfico 9 – Interesse e desinteresse.**

Percebe-se, então, que os alunos demonstram o interesse nas atividades de pesquisa quando, em 1º lugar, realizam questionamentos aos professores acerca do que está sendo estudado e, em 2º lugar, nas apresentações/ socializações dos temas para os colegas e professores.

#### **Questão nº. 4:**

*“Há, após a pesquisa, a socialização dos trabalhos entre os alunos?”*

As respostas que se seguiram nesse momento são bem diversificadas e estão relacionadas, na maioria, com as notas provenientes dessas avaliações. Da mesma forma que a questão anterior, serão apresentadas as justificativas para as socializações dos trabalhos.

**Professor 1:** “Sim, pois a própria apresentação faz parte da avaliação, sendo atribuída uma nota. Muitos destes trabalhos surpreendem pelo interesse e qualidade, contribuindo para o aprofundamento do tema”

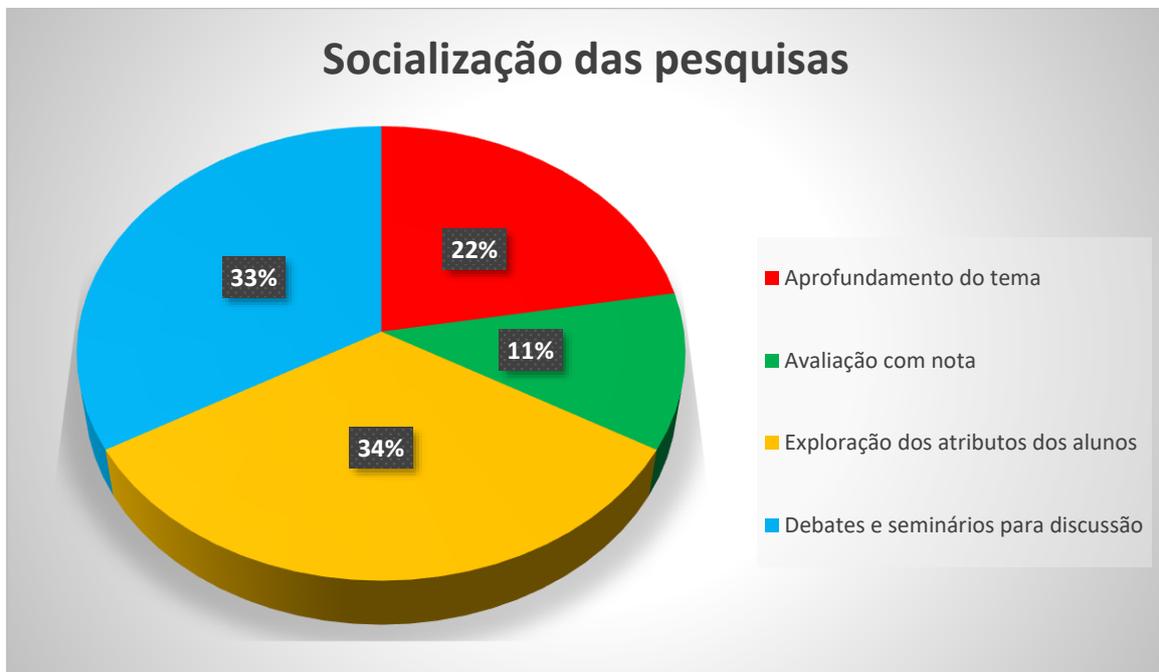
**Professor 2:** “São elaborados textos, desenhos, maquetes com exposição e apresentação oral e visual de trabalhos.”

**Professor 3:** “Após a pesquisa os alunos fazem debates e uma socialização do tema num grande grupo”

**Professor 4:** “Geralmente há a cobrança de que sejam apresentados em seminário.”

**Professor 5:** “A maioria demonstra interesse buscando fontes, relacionando com imagens e organizando uma socialização com criatividade.”

A seguir, o gráfico ilustrará as relevâncias aparentes nas respostas dos professores.



**Gráfico 10 – Socialização das pesquisas.**

A importância da atividade de socialização, segundo a interpretação das respostas, está em explorar os atributos dos estudantes, ou seja, questões de criatividade e formas de apresentação do conteúdo; em seguida, aprofundamento do tema com debates e seminários e, por último, a nota atribuída ao que foi apresentado.

**Questão nº. 5:**

“Verifica-se, após a atividade de pesquisa feita pelos alunos, que eles compreenderam melhor o conteúdo estudado? Sim( ); Não( ). De que modo se percebe esse resultado?”

Todos os participantes assinalam a alternativa “sim” da questão. Afirmam que os estudantes apreendem o que está sendo estudado e demonstram nas seguintes situações:

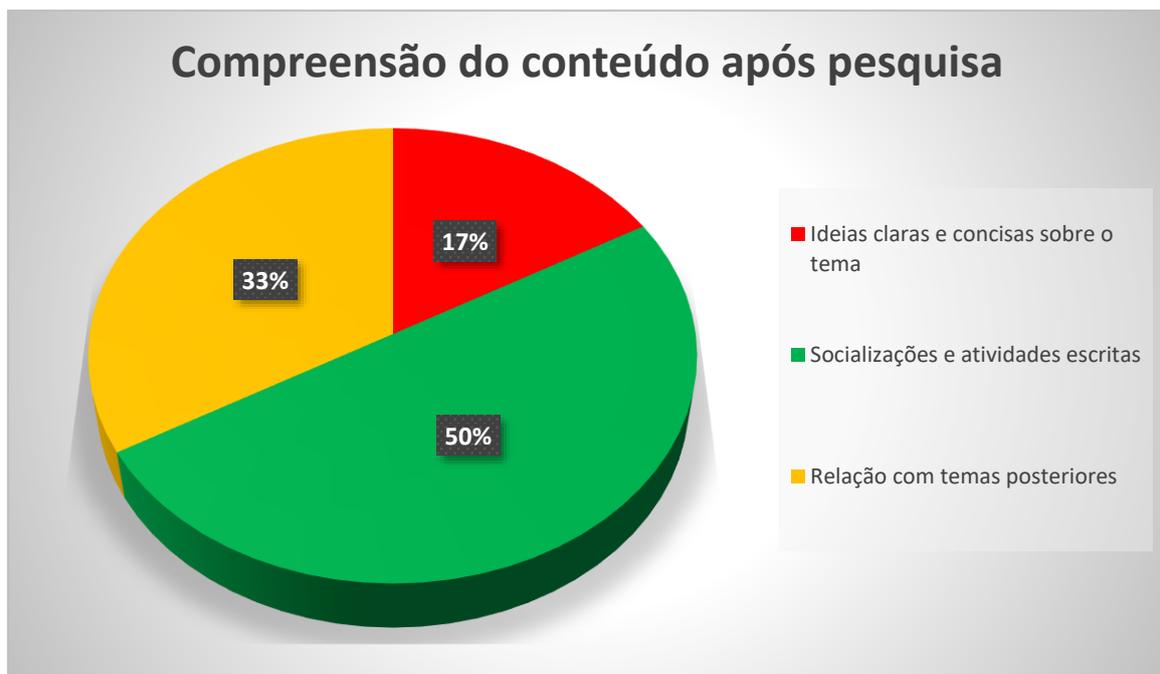
**Professor 1:** *“Pelas manifestações durante, principalmente nas apresentações. As ideias claras concisas (sic) com que os estudantes se apropriam das temáticas mostram o quanto aperfeiçoaram e aprofundaram o conteúdo.”*

**Professor 2:** *“Em todos os conteúdos propostos a pesquisa sempre é solicitada para ampliar os conhecimentos e interesse dos estudantes.”*

**Professor 3:** *“Na socialização realizada entre os alunos e também através da avaliação escrita. Também se percebe que os alunos compreenderam o conteúdo através dos trabalhos escritos e confecções de cartazes.”*

**Professor 4:** *“Sim, por conta da apresentação e busca, vídeos explicativos (que eles gostam muito em suas pesquisas) e por isso ser colocado nas provas e trabalhos feitos.”*

**Professor 5:** *“Sim pois continuam relacionando a pesquisa com conteúdos posteriores.”*



**Gráfico 11 – Compreensão do conteúdo após pesquisa.**

Como mostra o gráfico acima, 50% dos estudantes, segundo os professores, demonstram aprender o conteúdo durante as socializações entre os colegas e nas atividades escritas aplicadas durante as aulas; outro elemento importante onde aparece o reflexo positivo da pesquisa em relação a apreensão do assunto, são as relações feitas por eles em outros temas estudados posteriormente em sala, e por último a demonstração de ideias claras acerca do que se pesquisa.

**Questão nº. 6:**

*“Durante as correções das atividades, encontra-se vestígios de cópia da fonte da pesquisa ou há elementos de compreensão do tema descritos nas palavras dos estudantes durante a tarefa?”*

A relação da cópia nos trabalhos escolares é algo presente na fala dos professores em quase todas as respostas. A seguir serão descritos os apontamentos e apresentado em gráfico o que for mais significativo para os participantes desse questionário.

**Professor 1:** *“Na grande maioria é cópia. ‘Control c e control v’, ou seja, ‘copia e cola’, sem pelo menos formatar o texto e constar na bibliografia. Esse é um detalhe que explico ao solicitar o trabalho. Se há cópia, que pelo menos indiquem a bibliografia.”*

**Professor 2:** *“Às vezes sim, proponho na maioria que o trabalho seja manuscrito e pessoal, para evitar a cópia. Mas às vezes ocorre cópia. (Eu falo sempre ‘eu sei como vocês escrevem e como os autores escrevem...’).”*

**Professor 3:** *“A grande maioria dos alunos demonstram a compreensão do tema descrito através de palavras descritas pelos alunos referente ao tema estudado, onde os alunos respondem ou realizam atividades com o próprio vocabulário, sem cópias.”*

**Professor 4:** *“Encontra-se vestígios de cópia em grade parte dos casos, mas percebo que isso tem muito a ver com a insegurança na escrita desses alunos.”*

**Professor 5:** *“Ambas as respostas. Mas também trabalhamos no início de cada ano sobre as etapas de pesquisa, facilitando o planejamento do estudo.”*



**Gráfico 12 – Cópia do texto original.**

Apesar de, na maioria dos casos, os professores realizarem explicações sobre como fazer uma pesquisa e relatá-la nos trabalhos, a maioria percebe que existem cópias, uma parte percebe a compreensão dos estudantes sobre o tema quando utilizam o próprio vocabulário, outra parcela identifica que ocorrem os dois elementos durante as correções.

**Questão nº. 7:**

*“Acreditas que a pesquisa, como ferramenta metodológica de ensino, é viável para a apreensão dos conteúdos pelos alunos? Sim( ); Não( ).”*

Neste momento, as respostas chegam ao ponto central da pesquisa, onde sabe-se as impressões dos professores acerca da utilização da pesquisa como metodologia de ensino, compreendendo-a como relevante, ou não.

**Professor 1:** *“Mesmo que sejam muitas vezes cópia, é pelo menos, uma forma de saírem daquilo que passamos em sala de aula. Por isso que a apresentação é necessária e constitui uma das notas nas avaliações trimestrais.”*

**Professor 2:** *“Sim é instrumento muito importante e necessário.”*

**Professor 3:** *“Com certeza a pesquisa é uma ferramenta metodológica viável, pois faz com que o aluno leia, pesquise e vá em busca do conhecimento.”*

**Professor 4:** *“Sim se utilizada de forma coerente com relação ao que é apresentado em sala de aula e não pesquisas aleatórias para ‘tapar buraco’.”*

**Professor 5:** *“A importância está na investigação e no envolvimento dos estudantes. Principalmente quando parte dos estudantes.”*

Os apontamentos mostram que a pesquisa, quando bem orientada, traz benefícios aos estudantes no que diz respeito à busca por conhecimento, à leitura, ao investigar além da sala de aula. Apesar de as respostas conterem elementos similares às questões anteriores, não há afirmações que justifiquem um gráfico demonstrativo.

**Questão nº. 8:**

*“Se fosse possível realizar mudanças metodológicas acerca do ensino de História, o que você sugeriria?”*

Dos professores consultados nesse questionário, quatro contribuíram e apenas um não expressou opinião alguma. Abaixo seguem as sugestões apresentadas.

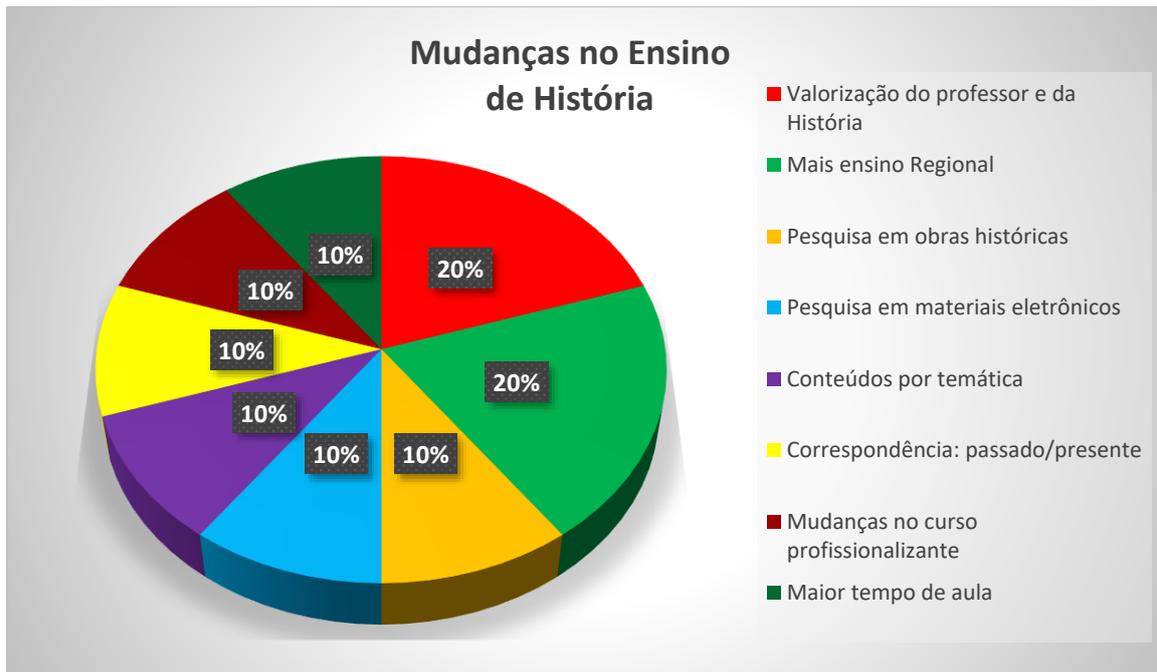
**Professor 1:** *“Uma formação continuada que pudesse conscientizar os profissionais acerca da importância de sua atuação. Sugeriria também mudanças na estrutura dos cursos, que tratam a história como linear e bastante europeizada. Que o tempo em cada turma pudesse ser ampliado para que os assuntos pudessem ser melhor aproveitados e discutidos.”*

**Professor 2:** *“Fazer ou estabelecer as correspondências entre passado e presente e valorizar mais o ensino de História nas escolas e reavaliar os livros didáticos.”*

**Professor 3:** *“Ampliar a parte prática aliada a teoria. Estudar mais questões regionais.”*

**Professor 4:** *“Organização dos conteúdos por temáticas, ênfase em história regional e possibilidades de pesquisas em sala de aula tanto em obras quanto em meios eletrônicos.”*

Os elementos que verificamos sobre o que traria melhorias para o ensino de história está bastante relacionada ao trabalho entre a teoria e a prática, valorização da história e dos professores que ministram essa disciplina, além de deixar evidente a importância que esses profissionais têm na formação do indivíduo; o tempo das aulas também aparece como sendo um elemento importante para uma boa compreensão em história pelos alunos.



**Gráfico 13 – Mudanças no ensino de História.**

Apresentados os dados obtidos dos participantes da pesquisa, o próximo passo será a análise minuciosa das respostas e a comparação entre as dos professores e alunos para averiguar a semelhança e as diferenças encontradas nos pareceres acerca do mesmo assunto.

### 3 ANÁLISE COMPLETA DOS DADOS

Os dados apresentados no capítulo anterior foram previamente analisados, buscando extrair o máximo de informação possível para a realização das comparações que serão feitas neste momento. A preocupação em pesquisar sobre a educação faz com que seja possível encontrar melhorias para esse processo e, ainda, identificar alguns elementos que necessitam de intervenções didáticas. Certamente, o recorte que está sendo feito nesse projeto não deve ser generalizado com o pensamento de que todos os professores de história pensam da mesma forma sobre a pesquisa como metodologia, assim como não são todos os estudantes do segundo ano do ensino médio que avaliam esse processo da mesma maneira.

Hoje especialmente se questiona o tipo de método utilizado nas investigações educativas e a forma de abordar os diferentes problemas; questiona-se a investigação empírica por privilegiar só algumas formas de investigar a multifacetária e contraditória realidade educativa, e coloca-se a necessidade sobre o contexto de investigação de onde se tem o seu sentido. (...) Atrás das diferentes formas e métodos de abordar a realidade educativa estão implícitos diferentes pressupostos que precisam ser desvelados. Nesse contexto, os estudos de caráter qualitativo sobre os métodos na investigação educativa e seus pressupostos epistemológicos ganham significativa importância. (GAMBOA, 2007. p. 23-24)

A presente pesquisa é de caráter quantitativo e qualitativo, já que apresenta números relativos a análise das respostas e, ainda, é verificada a qualidade delas mediante a relevância do que é apresentado para a área da educação em história. Sílvia Sánchez Gamboa (2007) afirma que nas ciências sociais assim como na educação de modo geral,

[...] tanto o investigador como os investigados (grupo de alunos, comunidade ou povo) são sujeitos; o objeto é a realidade. A realidade é um ponto de partida e serve como elemento mediador entre os sujeitos. Numa relação dialógica e simpática, como é o processo da pesquisa. Esses sujeitos se encontram juntos entre uma realidade que lhes é comum e que os desafia para ser conhecida e transformada. (p. 41-42)

Sendo assim, a análise proposta nesse capítulo pode ser considerada como uma investigação sobre os sujeitos (alunos e professores) e os objetos (a realidade das aulas de história), buscando esse desafio de encontrar um meio satisfatório de compreender e transformar, ainda que minimamente, o processo do ensino de história.

### 3.1 ANALISANDO E COMPARANDO AS RESPOSTAS

Os dados extraídos das respostas no capítulo anterior serão verificados e comparados para que seja possível obter uma conclusão acerca do que ocorre no processo educativo da pesquisa como metodologia para a disciplina de História.

A primeira questão, relacionada ao uso da internet como ferramenta de pesquisa, para os estudantes possui uma importância significativa, já que, de acordo com as informações obtidas, é o meio mais prático, rápido e seguro para adquirirem as informações necessárias às pesquisas solicitadas em sala. Enquanto isso, os professores apresentam como ferramenta de estudo os livros, revistas, jornais e a internet, sendo complementares para o estudo dos acontecimentos históricos.

**Questão 1:** Alunos – Quando o professor de História solicita uma pesquisa sobre determinado assunto, onde, geralmente, você faz as buscas? Assinale a alternativa: (A)Internet; (B)Livros; (C) revistas; (D)outros. Justifique sua resposta

Professores – Durante as atividades da sua disciplina, você utiliza a pesquisa como metodologia de ensino? Se sim, é através da Internet? Se não, explique sua resposta.

|                    | <b>Uso da internet</b>   | <b>Internet + outros meios</b>   |
|--------------------|--|--|
| <b>Estudantes</b>  | <b>14</b> afirmam usar somente a internet, pelo motivo de ser mais acessível, de rápida localização e segurança das informações.                 | <b>2</b> afirmam usar internet e livros, com justificativa de complemento das informações  |
| <b>Professores</b> | <b>1</b> enfatiza a utilização da internet na sala de aula por conta de a escolha disponibilizar o acesso aos estudantes, facilitando a pesquisa | <b>4</b> utilizam de livros, jornais, revistas, entrevistas e o livro didático para a pesquisa em história, justificando ser necessário o conhecimento dos estudantes sobre outras fontes que são o “fruto” da história. |

**Tabela 1 – Uso da internet e outras fontes**

Pode-se concluir dessa questão que, por mais que os professores disponibilizem outros meios de pesquisa em história, os estudantes valem-se, na maioria, da internet, deixando para o segundo plano o livro, principalmente o didático, onde realizam as comparações das buscas efetuadas. Além disso, as respostas de todos os estudantes para esta questão levam a crer que realizam mais pesquisas em casa pela internet do que na sala de aula, com esse instrumento.

O que os professores apresentam nas respostas, diferentemente dos alunos, é o foco na pesquisa em sala de aula, com fontes que a instituição disponibiliza e com os debates relacionados a esse trabalho. Pouco se percebe nas palavras dos 5 participantes que as atividades são realizadas, em alguns casos, nas residências dos estudantes ou em horário contrário ao das aulas de história. Neste caso, pode-se pensar que a investigação em casa é algo subentendido nas respostas, e que as fontes que os professores apresentam aos estudantes são, também, sugestões para as investigações além da escola.

Pode-se considerar, como proposta de fontes de estudo da história em sala ou fora da escola, trabalhos que Maria de Lourdes Janotti (2015) apresenta como novos objetos da História, sobre

[...] o clima, o inconsciente, o mito, o cotidiano as mentalidades, a língua: Linguística e História, livro, jovens e crianças, saúde e doenças, opinião pública, cozinha, cinema, festa. As fontes consultadas e discutidas pelos autores mostram dimensão interdisciplinar de suas perspectivas: mapas meteorológicos, processos químicos, documentos de ministérios da agricultura, relatos de incêndios, cartas sobre catástrofes climáticas do passado, diários, biografias, romances, estudos psicanalíticos, Psicologia da arte, releitura dos clássicos greco-romanos, discurso mítico, Antropologia cultural, culto de santos, doutrinas religiosas, livros pornográficos e clandestinos, estatísticas de publicações diversas, ilustrações, caricaturas, jornais, manuais de bons hábitos, fotografias, literatura médica, receituários, dietas alimentares, documentos de ministérios da saúde sobre epidemias, escrituração de estabelecimentos voltados ao abastecimento, contas da Assistência pública, estudos de Biologia, cardápios de hospitais e listas de compra, menus de restaurantes, arte culinária, utensílios de serviços de mesa, sondagens de opinião pública, depoimentos orais, filmes mudos, sonoros e coloridos, plantas de salas e exibição de filmes, letrados, legendas técnicas de filmagem, filmes de propaganda política, festas de loucos, fantasias, comemorações nacionais, bailes, cores, programas de festas públicas e particulares, homenagens, músicas, celebrações religiosas, discursos, trajes especiais e uma infinidade de outras mais. Embora as interpretações historiográficas se sucedam no tempo, percebe-se que as mais recentes conservam diversos conteúdos das anteriores, alguns são vitalizados por releituras, outros permanecem cristalizados na produção de grupos resistentes às novas ideias. (p.15-16<sup>5</sup>)

Será possível perceber, ao longo das questões, mas, mais presente na última, que a importância acerca da aprendizagem aparece na maioria das respostas dos estudantes, assim como a dos professores. A busca, seja ela através da internet ou de outras ferramentas, acontece com a turma do segundo ano do ensino médio, turma 202.

Questão 2: Alunos – Se você faz pesquisas pela internet, como escolhe o **site** que usa para fazer o seu trabalho?

---

<sup>5</sup>JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes Históricas como fonte. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. 3.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto,2015.

Professores – Quando solicitadas pesquisas aos estudantes, quais são, em geral, os critérios de avaliação utilizadas para esta atividade?

Aparentemente as questões parecem ter conexão em relação as possíveis respostas. No entanto, nas justificativas dos estudantes é possível encontrar elemento de ligação com que os professores apontam como relevante nos trabalhos de pesquisa.

A tabela apresentada a seguir apontará a relação entre as respostas:

| Critérios de avaliação dos trabalhos   | Escolha dos estudantes pelos sites  |
|--|---|
| <b>Envolvimento e interesse dos alunos<br/>(16% das respostas dos professores)</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>– “Sites confiáveis. Gosto da youtuber, estudante de História: Débora Aladim.<sup>6</sup>”;</li> <li>– “O 1º que aparece.”;</li> </ul>   |
| <b>Fontes utilizadas<br/>(11% das respostas dos professores)</b>                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>– “Sites seguros (com o cadeado em cima da página, o <i>link</i>), e confirmando informações em outros sites.”;</li> <li>– “Digito o nome do assunto e entro em vários sites.”;</li> <li>– “Eu sempre abro várias páginas, leio tudo e vejo as que mais afirmam ou se igualam com o assunto, para não deixar escapar nenhuma informação errada ou deixar passar uma importante.”;</li> <li>– “Eu abro vários, e se o assunto me aparecer coerente confio nele mas mesmo assim comparo com outros.”;</li> <li>– “Coloco o assunto que quero, e seleciono o site e vejo se é um site de confiança.”;</li> <li>– “O principal critério para escolher sites são suas fontes e se são seguros ou confiáveis.”;</li> <li>– “Escolho por popularidade. Antes pesquisa se é um site confiável.”</li> </ul> |
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>– “Por indicação dos professores, pois eles normalmente nos dizem os que são mais seguros.”;</li> </ul>  |

<sup>6</sup> Débora Aladim é estudante de História da Universidade Federal de Minas Gerais, e desde 2013 publica vídeos no *Youtube* sobre História, redação e técnicas de estudo. Seu canal conta com 1 milhão de inscritos e mais de 30 milhões de visualizações. Possui um *site* onde apresenta seus conteúdos e disponibiliza as redes sociais por onde divulga seus trabalhos. Site: [www.deboraaladim.com.br](http://www.deboraaladim.com.br) e o canal no *Youtube*: <https://www.youtube.com/channel/UCx7HKmnCIIbRBF2FjAoV0bg>

**Conteúdo da pesquisa  
(11% das respostas dos professores)**

– “Eu escolho o site dependendo da linguagem, da segurança e principalmente da fluência e praticidade que é exposto o conteúdo que preciso.”;

– “Geralmente escolho os mesmos sites pois sei que são confiáveis, e sempre disponibilizam informações a respeito de tudo.”;

– “Escolho o mais pesquisado e se o mesmo possui comentários de que o conteúdo ali presente é verídico.”

**Objetividade do trabalho  
(11% das respostas dos professores)**

– “Escolho com base no meu conhecimento e experiência no *site*. Vendo comentário de outros usuários.”;

– “Apenas pesquiso no ‘GOOGLE’, o site que me parece mais organizado eu clico.”

**Tabela 2 – Critérios: escolha do *site* e avaliação do aluno.**

A análise inicia-se com a questão do “interesse e envolvimento dos estudantes”. Na tabela, as duas colocações são bastante interessantes para serem avaliadas. Não significa, no entanto, que as demais respostas colocadas nos quadros abaixo da relacionada ao interesse, não façam parte dela. Caso não houvesse interesse do aluno em participar das pesquisas, provavelmente seriam encontradas respostas desse tipo durante o questionário ou apenas não expressaria nenhum comentário sobre o que está sendo perguntado.

A primeira resposta, relacionada ao envolvimento e interesse, diz respeito a utilização de vídeos de uma *youtuber* brasileira com mais de 30 milhões de visualizações. Neste caso o estudante busca em outras formas de apresentação do conteúdo aprimorar o conhecimento e realizar suas atividades. Ele interage com o tema e apresenta interação com o assunto. O fato de a *youtuber* ser estudante de História, traz ao aluno a segurança de que a informação é correta e adequada para a sua pesquisa. Certamente, os quesitos, estrutura do trabalho, fontes e conteúdos utilizados e a apresentação da atividade, será inédito, já que se apropriou do conhecimento por iniciativa própria.

No segundo caso, onde o estudante afirma utilizar o primeiro *site* que aparece, demonstra que o envolvimento no trabalho está, apenas, em realizar a investigação de forma rápida e eficiente, pois compreende que, na maioria dos casos, as primeiras páginas dispostas no *google* são as mais visitadas. Enquanto o primeiro caso preocupa-se com a aquisição do conhecimento buscando novas fontes e interagindo com o processo da pesquisa, o segundo

apresenta apenas a intenção de finalizar o projeto e “partir para outra” atividade que os professores solicitaram.

Os critérios “fontes utilizadas” e “conteúdo da pesquisa” andam paralelamente na análise das respostas. A maioria dos estudantes procura várias páginas para a confirmação das informações, evitando apresentar elementos falsos ou deixando de falar sobre algo importante. Além disso, há quem pesquise sempre nas mesmas referências pois compreendem que são os mais seguros e adequados para a compreensão do tema estudado.

A objetividade dos trabalhos relaciona-se com as respostas de alunos que demonstram ser mais diretos e metódicos em suas atividades. O que busca através do conhecimento prévio acerca do site que busca, e o que visualiza na organização da página critério para escolhê-la, parecem características de objetividade. Observa-se que estas respostas poderiam, também, ocupar espaço no quadro de “envolvimento e interesse dos estudantes”, ou “conteúdo da pesquisa”, mas o que faz com que estejam na questão da objetividade é a característica da resposta dos estudantes, direta e, aparentemente, segura.

Sendo assim, enquanto os professores buscam nos trabalhos os elementos voltados a participação do aluno com interesse na pesquisa, envolvimento na atividade, apontando fontes e apresentando o conteúdo adequado para a turma, os alunos se preocupam, na maioria, em buscar fontes distintas – sendo *sites* e/ou livros – para melhor compreender o assunto abordado em sala de aula.

Questão 3: alunos: “Você gosta quando o professor ou professora de História pede para fazer pesquisa sobre os conteúdos estudados em sala? (a)sim; (b)não. Justifique sua resposta”.

Professores: “Diante dessas atividades, percebe-se interesse ou desinteresse dos estudantes na participação ou envolvimento na pesquisa? como eles demonstram isso?”

A maioria dos estudantes responderam que gostam quando os professores pedem atividades relacionadas a pesquisa. No entanto, dois alunos defendem ideias contrárias aos dos colegas.

O estudante **A** comenta que não gosta de realizar pesquisas sobre assuntos que já foram discutidos, afirmando a preferência por investigar assuntos novos ou aprofundar o tema que foi apresentado em sala, supondo que haja informações novas durante o processo.

O estudante **B** afirma que dependendo do caso gosta da pesquisa. Segundo sua afirmação “caso ele(a) já tenha explicado o conteúdo em questão de maneira clara e compreensível e posteriormente pedir à nós uma pesquisa para aprofundar o conhecimento no assunto em questão.”

Os dois apontamentos reafirmam a importância de o professor intermediar o processo da pesquisa com explicações e direcionamentos das atividades, como por exemplo, criação de roteiros para a investigação, a proposição de atividades dinâmicas que torne o tema estudado mais atraente, que inspire o aluno a buscar elementos que complementem a atividade.

A aprendizagem de metodologias apropriadas para a construção do conhecimento histórico, seja no âmbito da pesquisa científica seja no saber histórico escolar, torna-se um mecanismo essencial para que o aluno possa apropriar-se de um olhar consciente para sua própria sociedade e para si mesmo. Ciente de que o conhecimento é provisório, o aluno terá condições de exercitar nos procedimentos próprios da História: problematização das questões propostas, delimitação do objeto, exame do estado da questão, busca de informações, levantamentos e tratamento adequado das fontes, percepção dos sujeitos históricos envolvidos (indivíduos, grupos sociais), estratégias de verificação e comprovação de hipóteses, organização de dados coletados, refinamento dos conceitos (historicidade), proposta de explicação para os fenômenos estudados, elaboração da exposição, redação de textos. Dada a complexidade do objeto de conhecimento, é imprescindível que seja incentivada a prática interdisciplinar. Faz parte da construção do conhecimento histórico, no âmbito dos procedimentos que lhe são próprios, a ampliação do conceito de fontes históricas, que podem ser trabalhadas pelos alunos: documentos oficiais, textos de época e atuais, mapas e ilustrações, gravuras, imagens de heróis de histórias em quadrinhos, poemas, letras de músicas, literatura, manifestos, relatos de viajantes, panfletos, caricaturas, pinturas, fotos, rádio, televisão etc. O importante é que se altere para a necessidade de que as fontes recebam um tratamento adequado, de acordo com sua natureza. É preciso deixar claro, porém, que não é proposta do ensino básico a formação de pequenos historiadores. O que importa é que a organização dos conteúdos e a articulação das estratégias para trabalhar com eles leve em conta esses procedimentos para a produção do conhecimento histórico. (BEZERRA, 2016. p. 42-43)

Os professores participantes do questionário afirmam que os interesses são visíveis nos resultados dos trabalhos, nas apresentações e nas propostas dos estudantes.

| <b>Alunos gostam da pesquisa porque:</b>   | <b>Professores identificam o interesse em:</b>   |
|--|--|
| <b>Aprofundam o conhecimento no assunto.</b><br>(29% das respostas)                      | Quando os alunos fazem apontamentos e questionamentos sobre o tema.<br>(29% das respostas) |
| <b>Aprendem além do que é passado na sala de aula.</b><br>(23% das respostas)            | Quando propõem assuntos novos a serem pesquisados.<br>(14% das respostas)                  |
| <b>Descobrem novas informações sobre o tema quando pesquisam.</b><br>(21% das respostas) | Realizando bons trabalhos escritos e apresentações criativas.<br>(29% das respostas)       |
| <b>Reforçam o conhecimento adquirido em sala.</b><br>(9% das respostas)                  | Resultados positivos das atividades.<br>(14% das respostas)                                |

|   |   |
|---|---|
| <p><b>Aprendem mais do que se estivessem usando no livro didático. (9% das respostas)</b></p> | <p>Busca pelas fontes (14% das respostas)</p> |
|---|---|

**Tabela 3 – Gosto pela pesquisa em História.**

As relações entre as respostas são as seguintes:

- Enquanto os estudantes comentam aprofundar o conhecimento, os professores reconhecem isso quando fazem apontamentos e questionamentos sobre o tema;
- Quando afirmam que aprendem além da sala de aula, é perceptível quando sugerem novos assuntos a serem pesquisados;
- A descoberta de novas informações acerca do que está sendo investigado é averiguado quando realizam bons trabalhos escritos e apresentam o conteúdo de forma criativa;
- Quando afirmam que reforçam o conteúdo visto em sala de aula durante as pesquisas, os professores visualizam isso nos resultados positivos das atividades realizadas;
- Os estudantes dizem aprender mais do que se estivessem utilizando o livro didático, e isso é identificado pelos professores quando vão em busca de fontes que auxiliam na compreensão do tema.

Questão 4: alunos: “*Depois de feito o trabalho escrito, geralmente, há apresentação das pesquisas para os colegas e professor(a)? (a)sim; (b)não. O que você pensa sobre isso?*”

Professores: “*Há, após a atividade de pesquisa a socialização dos trabalhos entre os alunos?(a)sim; (b)não.*”

A totalidade dos estudantes assinalaram a alternativa **A** referente às atividades de apresentação dos trabalhos para o grupo; os professores participantes também afirmaram que utilizam da socialização das atividades com os estudantes.

Os professores afirmam, em 22% das respostas que a proposta busca o aprofundamento do tema como objetivo da atividade, enquanto 34% das respostas apresentam a exploração dos atributos dos alunos – como por exemplo, auxiliar na expressão e oralidade, incentivar a comunicação com os colegas e a criatividade em organizar as apresentações. A parcela referente a 33% das respostas possui a afirmação de que valem-se de debates, discussões e seminários para melhor compreensão do tema estudado, além de serem atividades avaliativas que possuem notas (11% das respostas).

Um dos estudantes afirma que a socialização dos trabalhos em sala “gasta muito tempo das aulas”, certamente buscando agilidade e praticidade das aulas, sendo assim sua forma de apreensão dos conteúdos.

A tabela a seguir realiza as conexões entre as respostas:

| <b>Como o professor propõe a socialização</b>  | <b>O que o aluno pensa sobre a socialização</b>   |
|--|---|
| <b>Seminários, discussões e debates</b>        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Acho uma boa ideia, assim conseguimos transmitir nossos conhecimentos uns aos outros. Caso descobrimos (sic) algo de novo, também é compartilhado, assim ajudando a todos.”</li> <li>- “Eu gosto bastante de apresentar, porque além de eu estar passando os meus conhecimentos para outras pessoas estarei aprendendo coisas novas através do que foi pesquisado pelos outros colegas.”;</li> <li>- “Gosto de expor as pesquisas. Acho muito importante que haja o diálogo com a classe.”;</li> <li>- “Acho importante quando devemos apresentar, pois com isso compartilhamos o conhecimento adquirido com nossos colegas e com o professor.”.</li> <li>- “Acho interessante o compartilhamento de opiniões para acrescentar e gerar discussões que incentivem o questionamento pessoal. A oportunidade de desenvolver a fala para um público.”;</li> </ul> |
| <b>Explorar os atributos com apresentações</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Eu gosto bastante pois quando apresentamos um trabalho além da gente estar passando conhecimento aos nossos colegas também estamos trabalhando em nós mesmos, o que auxilia para falar em público perdendo a timidez.”;</li> <li>- “Gosto muito pois tenho facilidade e ajuda para a comunicação pública em outros lugares também.”;</li> <li>- “Acho interessante, pois ajuda na comunicação em público e na fixação do conteúdo.”.</li> <li>- “Acho que é válido, pois é uma forma de fixar e transmitir o conhecimento.”;</li> </ul>   |

|  |  |
|--|--|
| <p><b>Aprofundamento do tema com a atividade</b></p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, porque para ver o que se aprendeu fazendo a pesquisa.”;</li> <li>- “Eu gosto pois acho interessante, porque cada um vê algo de uma forma e as ideias podem se complementar.”;</li> <li>- “Eu acho bem interessante, porque iremos nos aprofundar bem no assunto para não deixar nada pendente, vamos explicar com calma e iremos trazer várias fontes e afirmações, como também muitos colegas podem entender melhor com os colegas explicando ou o professor, isso vai de cada um.”;</li> <li>- “Eu acho muito bom e interessante, pois além do aluno ter se aprofundado no assunto durante a pesquisa, ele ainda pode explicar para os colegas de uma forma que todos possam entender.”.</li> <li>- “É melhor por que força o aluno a estudar, ajudando-o na hora da prova”;</li> </ul> |
| <p><b>Avaliação interativa com valor/nota</b></p>    | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Eu acho interessante repassar aos colegas o que eu pesquisei e aprendi, e em relação aos professores acho importante a avaliação diante do que fiz, se a pesquisa foi realizada moderadamente ou não.”.</li> </ul>   |

**Tabela 4 – Socialização das pesquisas.**

Pode-se perceber nas respostas comparadas que, as intenções dos professores em fornecer uma socialização com objetivos específicos acaba ocorrendo com sucesso, mediante as afirmações dos estudantes. Além disso, observa-se, também, que os alunos possuem uma preocupação clara em transmitir o conhecimento com os colegas, facilitar a aprendizagem com uma linguagem mais simples que a do professor e, ainda, observar os contrapontos das suas atividades e compreender o tema estudado através dessas relações. A socialização também permite que os alunos desenvolvam as capacidades de oratória e diminuição da timidez que eles próprios afirmam ser importantes.

O objetivo da pesquisa em história, nesta situação de compartilhamento dos resultados, vai além da aquisição do conhecimento. A coletividade complementa o processo de educação.

**Questão 5:** Aluno: “*Você acha que aprende mais sobre os conteúdos de História quando faz pesquisas? (a)sim; (b)não. Justifique.*”

Professor: “*Verifica-se, após a atividade de pesquisa feita pelos alunos, que eles compreenderam melhor o conteúdo estudado? (a) sim; (b) não. De que modo se percebe esse resultado?*”

Nesta questão, 15 estudantes afirmaram aprender mais com as pesquisas, enquanto um comenta que “*é melhor com a professora explicando*”. Quanto aos professores, a maioria percebe, em atividades posteriores à pesquisa, que os alunos apreenderam bem o conteúdo.

Na tabela abaixo será apresentada a relação entre as respostas

| <b>Percepção da apreensão do conteúdo em:</b>  | <b>Aprende mais por que:</b>  |
|--|---|
| <b>Socializações criativas e atividades escritas bem elaboradas.<br/>(50% das respostas)</b> | Não houve respostas que estiveram relacionadas aos trabalhos escritos ou apresentações das atividades para os colegas.  |
| <b>Relação com temas dos trabalhos atuais e posteriores.<br/>(33% das respostas)</b>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sim, porque amplio meu conhecimento em relação ao assunto colaborando para o meu entendimento e compreensão.”;</li> <li>- “Sim pois sempre acabo aprendendo algo novo.”;</li> <li>- “Sim, porque nas pesquisas além de estudar, você precisa ler e assim acaba aprendendo sempre algo novo.”;</li> <li>- “Sim, porque assim nos aprofundamos mais no assunto.”;</li> <li>- “Pois eu agrego mais com leituras para estudar e pesquisa pois nem sempre tudo é falado em aula.”;</li> <li>- “Sim, aprofundando o conhecimento.”;</li> <li>- “Pois há um envolvimento maior com o assunto.”;</li> <li>- “Porque fazendo pesquisa você vai ter que dar um jeito de saber todo o conteúdo, e assim, de certa forma, fixa melhor a matéria.”.</li> </ul> |
|  | - “Muito porque você tem que ler várias fontes para chegar em uma conclusão, e assim você decora o que está lendo e não   |

|   |   |
|---|---|
| <p><b>Ideias claras e concisas.</b><br/><b>(17%) das respostas</b></p>  | <p>passa apenas o olho sem ler e copia o que está ali.”;</p> <p>- “Porque você vai atrás do conteúdo, faz a pesquisa, lê sobre o assunto e isso desperta interesse, pois o conteúdo geralmente é amplo o que faz não ter tempo suficiente somente em aula para absorver e compreender.”;</p> <p>- “Pois história não tem um padrão que você decora e usa constantemente você deve pegar o livro usar internet e pesquisar o assunto para compreende-lo.”;</p> <p>- “Com certeza, porque muitas vezes o que não é entendido dentro da sala de aula acabo revendo na internet e aí sim entendo, principalmente se é em algum site que tem uma forma mais dinâmica, ainda sim consigo aprender coisas novas.”;</p> |
| <p><b>Outros.</b><br/><b>(não aparecem nas respostas dos professores, porém são importantes elementos de análise sobre os alunos)</b></p> | <p>- “Pois os sites em que costumo pesquisar são mais interativos.”;</p> <p>- “Sim. Pois eu passo maior parte do meu tempo estudando/pesquisando sobre o que foi solicitado e não fico presa apenas no conteúdo dado em aula.”;</p> <p>- “Quando pesquiso tenho mais tempo para fazer relações ao que sei.”.</p>  |

**Tabela 5 – Aprendizagem após a investigação.**

**Questão 6:** Alunos: *“Você prefere escrever sua pesquisa para o(a) professor(a) igual ao texto original da internet, ou gosta de expor suas palavras sobre o que está buscando? Justifique.”*

Professores: *“Durante as correções das atividades, encontra-se vestígios de cópia da fonte da pesquisa, ou há elementos de compreensão do tema descritos nas palavras dos estudantes durante a tarefa?”*

As respostas dos alunos para esta questão são bastante diversificadas, apesar de 50% delas conter a afirmação de que não copiam do texto original, 25% afirmam intercalar as palavras com o texto fonte, 13% apresentarem outras justificativas e 12% das respostas confirmam a cópia da fonte pesquisada. Há um caso em específico em que o aluno afirma: *“Prefiro me expressar oralmente, porque assim percebo se realmente aprendi o conteúdo”*, não sendo possível, no entanto, avaliar a resposta do estudante como *“cópia ou escrita própria”*.

Outro aluno acaba por se contrariar na resposta, assumindo que “*Tanto faz (sic), deixando legível e não copiando*”. A primeira parte da resposta mostra que, copiar ou não é irrelevante; o que importa é deixar o trabalho legível ou compreensível. No entanto a parte final que está relacionada à não cópia, deixa a resposta confusa. Talvez a expressão afirme que, o melhor é não copiar, mas caso seja necessário, que se faça de modo claro.

No que se refere às respostas dos professores, 60% afirmam que há cópia na maioria dos trabalhos, enquanto 20% respondem que não encontram vestígios de escrita idêntica a fonte por conta de realizar explicações acerca da realização das pesquisas. Os outros 20% referem-se ao fato de encontrar ambas as situações nos trabalhos apresentados pelos estudantes.

| Visão acerca da cópia pelos professores      | Visão acerca da cópia pelos alunos   |
|--|--|
| <p><b>Existe cópia do texto original</b></p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Dependendo do assunto o texto original já está modificado e assim dificulta a explicação sem copiar partes que estão lá, mas muitas das vezes é bom expor as ideias.”;</li> <li>- “Difícilmente mudo para as minhas palavras, só caso eu não encontre totalmente a melhor resposta e passo a complementar com as minhas palavras.”;</li> <li>- “Copiar, pois as vezes se torna mais fácil.”</li> </ul>   |
| <p><b>Não existe cópia da fonte</b></p>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Eu acho mais complicado expor com as minhas palavras, mas é o correto, porque se fosse copiar o texto original, você acaba não aprendendo o conteúdo.”;</li> <li>- “Eu gosto de expor minhas palavras sobre o que estou buscando, geralmente leio pesquisas de livros sites e depois chego a uma união de ideias, a partir daí posso fazer meu relatório.”;</li> <li>- “Expor minhas palavras para mostraras informações deforma mais clara.”;</li> <li>- “Gosto de me basear na pesquisa, mas nunca deixar o texto original pois eu não poderia chamar de minha pesquisa, se eu copiasse palavras de outras pessoas.”;</li> <li>- “Gosto de reescrever com minhas palavras, primeiro para não ser plágio, segundo, isto estimula nosso cérebro a compreender bem o</li> </ul> |

|                                |   |
|--------------------------------|---|
|                                | <p>conteúdo para poder escrever corretamente e sem alterar o sentido ou o assunto.”;</p> <p>- “Eu gosto de ler o conteúdo e escrever com minhas palavras pois, se copiarmos da internet não iremos ter raciocínio rápido e não aprenderemos.”;</p> <p>- “Gosto de ler o texto original e tirar minhas próprias conclusões escrevendo-as no trabalho.”.</p>  |
| <p><b>Há os dois casos</b></p> | <p>- “Gosto de fazer uma mesclagem entre os dois, pois isso abrange minha opinião e o dado base.”;</p> <p>- “Depende, as vezes uso o que está na internet, se não, eu uso as minhas palavras e o que entendi pra escrever.”;</p> <p>- “Gosto de expor minhas palavras, juntamente com o resumo dos assuntos.”;</p> <p>- “Quando coloco com minhas próprias palavras, consigo entender mais sobre o conteúdo, pois tenho que entender antes de escrever o texto e quando copio o texto original, nem sempre tenho conhecimento do que estou copiando.”</p> |

**Tabela 6 – Cópia do texto original da pesquisa.**

O que é possível concluir dessa questão é o fato de que a cópia que os estudantes fazem, na maioria dos casos, está relacionada à praticidade e à segurança na hora de escrever. A falta de vocabulário, compreensão e domínio sobre a língua Portuguesa faz com que a fonte da pesquisa seja um ponto de apoio para a melhor expressão nos trabalhos. Os que conseguem se expressar melhor tem a tendência de escrever com as suas palavras, e os demais, que realizam a mescla das ideias com o texto fonte, demonstram insegurança e falta de conhecimento acerca das regras de citação que são realizadas nas atividades de pesquisa.

Questão 7: Alunos: *“Se fosse possível mudar o jeito de aprender História na escola, o que você sugeriria?”*

Professores (questões 7 e 8 juntas): *“Acreditas que a pesquisa, enquanto ferramenta metodológica de ensino, é viável para a apreensão dos conteúdos pelos alunos? (a)sim; (b)não. Justifique.”*

*“Se fosse possível realizar mudanças metodológicas acerca do ensino de História, o que você sugeriria?”*

As últimas questões do projeto trouxeram informações bastante importantes no que se refere ao que os estudantes e professores desejam como melhorias do ensino de História.

Os estudantes, com 18% das respostas, gostariam que houvesse mais atividades voltadas a filmes, documentários e vídeos da internet; 14% desejam mais discussões em aula, e a mesma porcentagem apresenta interesse em saídas à campo, para correlacionar o local visitado com o acontecimento histórico estudado. O que chamou a atenção nas respostas pelos professores sobre as mudanças no ensino de História é que, dos cinco consultados, um não respondeu a questão. Não havia a possibilidade de esquecimento de preencher o espaço da resposta solicitada, dando a entender que tê-la deixado em branco foi uma opção do participante.

Para análise dessa sessão, o uso de tabela não propicia boas relações entre as respostas, já que são bastante diversas. Sendo assim, serão comparadas as respostas mais próximas através de palavras-chave ou conceito parecidos.

#### RECURSOS TECNOLÓGICOS:

Alunos:

*“Eu sugeriria um jeito de aprender mais dinâmico, envolvendo mais participação dos alunos, mais tecnologia e outros espaços para presenciar e aumentar o conhecimento sobre história.”;*

*“Eu gostaria de mais atividades diferentes, teatros sobre a história, mais tecnologia, ideias diferentes.”;*

*“Eu utilizaria mais meios tecnológicos e físicos, como assistir a filmes ou documentários, ferramentas digitais como tablets ou notebooks que em caso de dúvidas auxiliassem o docente para sanar as dúvidas do estudante e compreender melhor o conteúdo visto dentro da sala de aula.”<sup>7</sup>.*

Professores:

*“Organização dos conteúdos por temáticas, ênfase em história regional e possibilidades de pesquisa em sala de aula tanto em obras quanto em meios eletrônicos.”.*

---

<sup>7</sup>A questão que esse estudante apresenta está ligada ao fato de que a escola disponibiliza o acesso à internet apenas ao laboratório de informática, que nem sempre é utilizado, já que as atividades no local demandam tempo e o local não possui instrutores suficientes para atenderem as necessidades de cada aluno nos computadores. (Relatado por professores da escola)

As questões tecnológicas afirmadas pelos alunos estão diretamente ligadas a um modo de aula interativo, dinâmico e criativo. Porém eles não descartam a possibilidade de outras formas de aprender. O professor participante que relata os meios eletrônicos para a realização das pesquisas, também comenta a necessidade de trabalhar com a história regional, que outros profissionais também citaram em suas respostas.

## DISCUSSÕES, TRABALHOS E DEBATES

Alunos:

*“Bastantes trabalhos e interação de todos.”;*

*“Sugeria fazer mais pesquisas pois assim seria um modo das pessoas se aprofundar mais em determinado assunto.”;*

*“Mais discussões, mais exercícios que fazem pensar por outro lado.”;*

*“Maior quantidade de debates sobre o assunto ajuda.”;*

*“Maior trabalho com as informações.”*

Professores:

*“Uma formação continuada que pudesse conscientizar os profissionais acerca da importância sua atuação. Sugeria também mudanças na estrutura dos cursos, que tratam a história como linear e bastante europeizada. Que o tempo em cada turma pudesse ser ampliado para que os assuntos pudessem ser melhor aproveitados e discutidos”.*

Aqui encontra-se um grupo de alunos que, aparentemente, não demonstram ser “apegados” aos meios digitais ou às imagens, buscando certa objetividade no ensino, onde haja mais debate, discussões acerca dos conteúdos e a busca pela compreensão através do diálogo.

A questão apresentada pelo profissional participante do questionário traz elementos importantíssimos que podem ser relacionado a todas as respostas que aparecem e aparecerão nas próximas análises.

O fato de os professores se conscientizarem de sua importância no meio educacional faz com que o processo seja cada vez mais responsável pela formação dos indivíduos, sendo isso trabalhado nas discussões em sala, nas aulas expositivo-dialogadas, nas participações em eventos promovidos pela escola, nas saídas à campo e em todas as atividades educativas em que esse profissional estiver inserido. O tempo de aula também é elemento chave para a produção de aulas criativas e dinâmicas das quais os alunos interagem e demonstram bom

rendimento. As questões relacionadas à educação superior ainda caminham para o melhoramento assim como a educação básica.

#### SAÍDAS A CAMPO E UTILIZAÇÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM SALA

Alunos:

“Eu sugeriria fazer visitas a lugares históricos ou peças de teatro sobre determinado conteúdo que é estudado.”;

“Eu acredito que não podemos aprender sempre pelos métodos tradicionais, com o professor na sala de aula passando o conteúdo no quadro, devemos ir além, visitar lugares históricos, museus e etc.”.

Neste caso, apenas um professor citado anteriormente remete ao uso de fontes documentais nas aulas (*possibilidades de pesquisa em sala de aula tanto em obras quanto em meios eletrônicos*), os demais reafirmam o ensino de História regional e a valorização da disciplina nas escolas.

#### DIDÁTICA INTERATIVA

Alunos:

“Para mim a maneira mais fácil de aprender história é fazendo teatros, ‘filmes’, vídeos, apresentações diferenciadas, e não ficar só em pesquisa.”;

“Filmes, documentários; uma maneira mais atualizada mas infelizmente, aqui é Brasil, vai demorar uns anos.”;

“Resumos interativos, vídeos descontraídos, professor fazer assimilações dos conteúdos, como por exemplo: O que a Revolução Industrial mudou nos dias de hoje? Etc...”;

“Ver mais vídeos, filmes e mais trabalhos em grupos.”;

“Ver mais vídeos, documentários e fazer mais trabalhos em grupo para apresentar.”;

“Atividades diferentes, para que não se torne algo monótono a aula.”.

Professores:

“Fazer ou estabelecer a correspondência entre passado e presente e valorizar mais o ensino de História nas escolas e reavaliar os livros didáticos.”.

Avaliando as afirmações dos alunos, a pesquisa é importante para o aprendizado, porém, não é o suficiente. Questões interativas chamam a atenção para apreensão do conteúdo, sendo o professor um intermediador do processo educacional com atividades criativas.

As ferramentas audiovisuais tem sido a escolha dos estudantes para a melhoria do ensino de história que, aliadas a discussões e debates, podem transformar as aulas mais animadas e atraentes.

Segundo relatos de Leandro Karnal (2016) sobre a criatividade em sala de aula – já que os argumentos que aparecem com maior destaque é a utilização de ferramentas tecnológicas e, para isso, é necessário uma dose considerável de criatividade para elaborar boas aulas quase sempre –, aprende-se muito mais quando há uma atividade que chame a atenção, pois o cérebro funciona tal como um computador: armazena informações importantes e relevantes; o que não serve mais, vai para a lixeira.

Uma aula criativa pode incluir canais de comunicação, sensações, experiências e outros campos variados que aumentem o impacto da informação sobre o cérebro. Esta é a primeira virtude da criatividade: ela facilita a comunicação porque trabalha com o inesperado e, assim, ganha uma atenção mais focada. Imagine uma biblioteca com milhares de livros de lombada preta. Seu olho não se fixa em nenhum, ainda que você veja todos. Se por algum fenômeno um desses livros estiver brilhando, ele se destacará e causará uma impressão muito maior. Por que ele brilha? O que causa isto? Diríamos que esse livro é o livro “criativo” da estante da biblioteca imaginária. Fugindo do comum, ele prendeu a atenção e fez que eu me desligasse da consciência imediata de todos os outros. O estranho volume provocou uma reação e um desejo em mim: o que causa esse fenômeno? De súbito, todos os outros livros da biblioteca saem da minha consciência e consigo lembrar apenas daquele. (...) O primeiro risco que se corre é que a informação, recém-adquirida pelos canais comuns, perca-se logo em seguida no lixo geral que o cérebro busca faxinar ou ocultar. (KARNAL, 2016. p. 44-45)

Provavelmente, o que os estudantes buscam nas aulas de história, segundo as afirmações que fazem nessa questão, que o tema estudado seja o livro que brilha como o autor afirma no trecho acima, facilitando a fixação de determinados conteúdos, mas perdendo outros de vista por terem sido tão somente os livros de lombada preta do restante da biblioteca fictícia.

A última questão que foi deixada para ser avaliada no final deste capítulo está relacionada ao que os professores pensam acerca do método de pesquisa para o aprendizado em História.

As respostas foram as seguintes:

A) “Com certeza a pesquisa é uma ferramenta metodológica viável, pois faz com que o aluno leia, pesquise e vá em busca do conhecimento.”;

B) “Sim é instrumento muito importante e necessário.”;

C) “Mesmo que sejam muitas vezes cópia, é pelo menos, uma forma de saírem daquilo que passamos em sala de aula. Por isso que a apresentação é necessária e constitui uma das notas nas avaliações trimestrais.”;

D) “Sim se utilizada de uma forma coerente com relação ao que é apresentado em sala de aula e não pesquisas aleatórias para ‘tapar buracos’.”.

Encerra-se, aqui, a análise dos questionários. Identifica-se que em muitos pontos professores e estudantes entram em concordâncias nas respostas e em certos momentos se distanciam nos pensamentos relacionados, principalmente no que se refere às mudanças nas aulas de História. Enquanto os professores seguem uma linha mais tênue sobre a “teoria e a prática”, os alunos buscam mais diálogos, mais dinamismo e tecnologia, e busca por conhecimento nos locais onde possivelmente alguns fatos históricos aconteceram – ou locais que salvaguardam o patrimônio material e imaterial desses acontecimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que o resultado desejado para esta pesquisa foi alcançado. A hipótese de que a pesquisa como método de ensino de História é viável, foi verificada junto às respostas dos professores e alunos participantes da investigação.

O objetivo, que visava compreender a forma como os estudantes da turma 202 se relacionam com a pesquisa em história, foi alcançado. Compreende-se que os alunos veem a pesquisa como uma metodologia importante para o processo de aprendizado em História. No entanto, não é suficiente apenas realizar as investigações que os professores solicitam. Os educandos sentem a necessidade de debates, discussões e de apresentações dessas atividades aos colegas. A socialização, para os estudantes, é tão importante quanto a busca pelas informações. De acordo com suas falas, aprender com os colegas e ensiná-los o que sabem, é fundamental para seus desenvolvimentos, tanto na questão da fala em público como na compreensão do assunto estudado – a partir de um viés distinto ao dos professores.

Já para os ministrantes das aulas, as pesquisas – apesar de serem relatadas cópias da fonte original da investigação nas atividades – são relevantes para o ensino de História, desde que sejam bem trabalhadas anterior e posteriormente às investigações, para não serem, apenas, aulas “tapa-furos”.

Durante o processo da aplicação do questionário ocorreram diversas dificuldades que, ainda que minimamente, interferiram na realização da atividade. Uma delas foi a dificuldade em conversar com a turma para as respostas das questões, já que a escola esteve em processo de greve e reposição de aulas em momentos diferenciados dos períodos costumeiros. Levou dois meses para se conseguir marcar um horário para conversar com os alunos. O processo da greve diminuiu estudantes em sala, assim como, provavelmente, desmotivou os professores a participarem do projeto, tendo um número reduzido de profissionais da área da História que trabalham na instituição.

Também por conta disso, julgou-se oportuno convidar professores de outra escola e de outra cidade para responder o questionário. Isso acabou por aumentar o escopo da pesquisa.

Mas também aumentou a dificuldade de análise das respostas destes participantes por conta do fato de que são educadores do Ensino Fundamental, onde a didática aplicada é próxima aos dos estudantes do ensino médio, porém contém elementos que podem fugir ao propósito da pesquisa em questão. Para isso, as respostas foram estudadas para serem adaptadas no âmbito geral acerca do ensino de História.

Outro problema encontrado durante as análises esteve nas próprias questões formuladas. Estas deveriam ter sido melhor direcionadas para respostas menos diretas e com mais informações relevantes para o estudo do caso, tanto para professores como para os estudantes.

Como sugestão para uma próxima atividade investigativa sobre o ensino de História no ensino médio, propõe-se a utilização de entrevistas com os alunos e professores, utilizando da história oral como fonte de pesquisa, melhorando cada vez mais a forma de compreender como os alunos se relacionam com os professores e com o fenômeno ensino/aprendizagem dentro das salas de aula.

Para finalizar o presente projeto, apresenta-se a fala de Leandro Karnal (2016) sobre como deve-se analisar os estudantes a fim de preparar aulas eficientes e satisfatórias para ambos os lados:

Eu sugiro a estratégia dos médicos para saber algumas coisas. O bom médico pergunta tudo para seu paciente. Ele sabe que o doente tem as informações mais importantes: onde dói, em que grau, desde quando. Ao mesmo tempo que pergunta, o médico observa e mede. Apalpa por vezes, sente e junta as informações amadoras do paciente o seu senso profissional. Seu paciente é a fonte e o alvo, mas não é a Verdade. O médico precisa e deve fazer uma profunda anamnese, como o professor. É uma recordação de um histórico, uma busca de coisas que não poderiam ser esquecidas. É a sondagem do nosso objeto, alvo e propósito. Mas não é o final. A partir dos dados coletados eu estabeleço estratégias para chegar aonde eu quero. (p.53)

Quando se compreende bem o objeto de trabalho – que no caso do professor de História é o aluno e sua realidade – o processo que envolve o conhecimento e sua construção entre os indivíduos será harmonioso e natural.

## BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Véra Lucia Maciel (Org.) [et al.]. **Ensino de história:** desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** Fundamentos e métodos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história.** São Paulo: Brasiliense, 2005 (Coleção Primeiros Passos)

BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.** Retirado de <[portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf)>, em 13/11/2017 às 19h15min.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História.** 8.ed. Campinas: Papirus, 2009.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação:** Métodos e epistemologia. Chapecó: Argos, 2007.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor.** 1.ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

KARNAL, Leandro. (Org.) **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. 6.ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

PINKSY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas.** 3.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Campinas, 2015.

SÁ, Patrícia Teixeira de. **A socialização profissional dos professores de História de duas gerações:** os anos de 1970 e de 2000. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação. PUC/RJ: abril de 2006.

SHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009 (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)